



**UNIVERSIDADE FEDERAL DA BAHIA
FACULDADE DE COMUNICAÇÃO**

ROBERTO SOUZA SANTOS JUNIOR

**A CENA E OS ESPAÇOS DE CULTURA E ENTRETENIMENTO
LGBTQIA+ EM SALVADOR/BA**

SALVADOR

2022

ROBERTO SOUZA SANTOS JUNIOR

**A CENA E OS ESPAÇOS DE CULTURA E ENTRETENIMENTO
LGBTQIA+ EM SALVADOR/BA**

Memorial apresentado como requisito parcial para obtenção do título de graduação em Comunicação com habilitação em Produção em Comunicação e Cultura, pela Faculdade de Comunicação (FACOM) da Universidade Federal da Bahia (UFBA).

Orientadora: Prof^a Gisele Marchiori
Nussbaumer

SALVADOR

2022

ROBERTO SOUZA SANTOS JUNIOR

**A CENA E OS ESPAÇOS DE CULTURA E ENTRETENIMENTO
LGBTQIA+ EM SALVADOR/BA**

Memorial apresentado como requisito parcial para obtenção do título de graduação em Comunicação com habilitação em Produção em Comunicação e Cultura, pela Faculdade de Comunicação (FACOM) da Universidade Federal da Bahia (UFBA).

Orientadora: Prof^a Dr^a Gisele Marchiori Nussbaumer

Aprovado em 04 de julho de 2022.

Banca Examinadora

Prof^a Dr^a Gisele Marchiori Nussbaumer
(Orientadora - UFBA)

Prof^a Dr^a Leonor Graciela Natansohn
(Membro interno - UFBA)

Me. Armando AZVDO
(Membro externo - UFBA)

AGRADECIMENTOS

A Deus, aos Santos, aos Orixás, aos Anjos da Guarda, aos meus ancestrais e aos que me guiam nessa trajetória em todos os planos espirituais.

Aos meus pais Roberto Santos e Rosangela Barros por todo amor, educação, incentivo e carinho em todos esses anos.

A Universidade Federal da Bahia por ter transformado a minha vida de tantas maneiras através do conhecimento.

A todo o corpo docente da Faculdade de Comunicação pelas excelentes aulas onde pude aprender e me desenvolver enquanto profissional e acadêmico.

A minha orientadora Gisele Nussbaumer por conhecimento passado, todo apoio, orientação e paciência durante a orientação deste trabalho.

A Graciela Natansohn e Armando AZVDO por aceitarem compor a banca examinadora deste trabalho.

A Carla Pinheiro e a Justina Tellechea, supervisoras do meu primeiro estágio na Secretaria de Cultura da Bahia, que me guiaram a trilhar os primeiros passos na vida profissional.

A Elba Caroline, Patrícia Figueiredo e Ítalo Richard, supervisores quando de estágio no Teatro SESC Casa do Comércio, cujo que tive experiências profissionais inesquecíveis e fiz amigos que trouxe para a vida toda.

A Mirelly Hora e Juliana Cima, minhas supervisoras na Neoenergia Coelba, pela formação corporativa que me desenvolveu imensamente para o mercado de trabalho.

A Marta Rodrigues e a toda a equipe do gabinete e da Escola do Legislativo Péricles Gusmão Régis pelos aprendizados nesses anos como estagiário e como colaborador desse lindo projeto de sociedade.

A toda militância e a comunidade LGBTQIA+ por toda a resistência e luta ao longo desses anos, que me inspiraram a nunca desistir e a ser resiliente independente dos percalços.

Aos colegas de movimento estudantil, do Centro Acadêmico Vladimir Herzog (CAFACOM), do Diretório Central das e dos Estudantes (DCE) e na União dos Estudantes da Bahia (UEB) instâncias de luta que tive o prazer de construir e defender durante a minha trajetória na universidade.

Às pessoas que convivi ao longo desses anos de curso, que certamente tiveram impacto na minha formação acadêmica e a todas, todes e todos que contribuíram, direta ou indiretamente, com a realização desse trabalho.

RESUMO

O presente trabalho é um memorial do processo de criação do perfil no *Instagram* Espaços LGBTQIA+ em Salvador (@mapalgbt), que visa mapear e descrever os principais espaços de cultura e entretenimento voltados ao público LGBTQIA+ em Salvador/BA, de modo a destacar a sua importância e modo de inserção na dinâmica da capital baiana. Para isso é realizado um mapeamento desses espaços e a sua descrição, considerando aspectos como data de inauguração, localização, objetivos, programação, capacidade, perfil de público, forma de gestão, funcionamento, entre outros aspectos que, em seu conjunto, colaboram para traçar um quadro da importância desses espaços para a comunidade LGBTQIA+ e a cidade.

Palavras-chave: LGBTQIA+. Espaços LGBTQIA+. Instagram. Salvador.

ABSTRACT

The present work is a memorial of the process of creating the *Instagram* profile “Espaços LGBTQIA+ em Salvador” (@mapalgbt), which aims to map and describe the most dominant places of culture and entertainment focused of the LGBTQIA+ public in Salvador/BA, to highlight their importance and ways of inclusion in the dynamic of the city. To do this analysis, a mapping of these spaces and their description is carried out, considering aspects such as opening date, location, objectives, schedule, capacity, public profile, management, operation, among other aspects that, as a whole, collaborate to outline a picture of the importance of these spaces for the LGBTQIA+ community and the city.

Keywords: LGBTQIA+. LGBTQIA+ Spaces. Instagram. Salvador.

LISTA DE IMAGENS

FIGURA 1 – Captura de tela do perfil @mapalgbt no <i>Instagram</i>	34
FIGURA 2 – Marca do perfil da página @mapalgbt no <i>Instagram</i>	35
FIGURA 3 - Âncora do Marujo.....	36
FIGURA 4 - Porto da Barra.....	37
FIGURA 5 - Tropical Club	37
FIGURA 6 - Sofá da Hebe	38
FIGURA 7 - Bar da Pri	38
FIGURA 8 - Clube 11.....	39
FIGURA 9 - La Bouche.....	39
FIGURA 10 - San Bar	40
FIGURA 11 - Carmén Lounge Bar	40
FIGURA 12 - Point do Japa	41
FIGURA 13 - Boteco do Paulista	41
FIGURA 14 - Boate San	42
FIGURA 15 - Praia da Gamboa de Baixo.....	42
FIGURA 16 - Clube Rio's For Man	43
FIGURA 17 - Amsterdam Club Bar.....	43
FIGURA 18 - Colliseum - Bar e Boate	44
FIGURA 19 – Bar das Preta	44

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	8
2 O TEMA LGBTQIA+	10
2.1 Primórdios da Luta	10
2.2 Até chegar à sigla LGBTQIA+	12
2.3 A metrópole paulistana como pólo da socialização LGBTQIA+ brasileira	23
2.4 O fervo identitário e os espaços culturais LGBTQIA+ de Salvador	29
3 O MAPA LGBTQIA+	32
3.1 Comunidades LGBTQIA+ em rede	32
3.2 O @mapalgbt	34
4 CONSIDERAÇÕES FINAIS	47
5 REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	49

1 INTRODUÇÃO

O interesse pelo tema deste trabalho se deu quando fui a primeira festa da cena LGBTQIA+. Ao receber o convite de uma amiga da escola que iria fazer 18 anos, finalmente poderia ir a uma boate. Quando recebi o convite no celular, me senti atraído pela foto da diva pop que estava na imagem, e fiquei intrigado na frase contida no flyer: “Lista VIP até 00 horas”. Quem não chegasse e não conseguisse entrar na casa noturna até às 22 horas, enfrentando as longas filas ocasionadas pela estratégia de chamada do convite, pagava um preço de R\$25 de entrada.

Eu que vivia enclausurado dentro de um armário da heteronormatividade, tentei resistir ao desejo, mas na desculpa de satisfazer a vontade da amiga, acabei indo a San Sebastian. Na época, a casa funcionava na rua da Paciência, no bairro do Rio Vermelho, em Salvador. Assim que entrei na famosa casa noturna, tive um olhar bastante atento. Não para os garotos que eram atraentes, pois buscava desviar o olhar a todo o momento para que a minha amiga não duvidasse da minha suposta heterossexualidade. Tive um olhar analítico para a infraestrutura, a ambientação do som, as luzes, o tipo de público que estava no lugar, o gênero musical, as atrações, a performance dos DJ’s, o sistema de pagamento por comando, os garçons e até o serviço de limpeza. Queria em certo momento curtir a festa e beijar na boca, como a maioria dos adolescentes, mas percebi, naquele exato momento, que nascia naquele jovem recém ingresso na universidade não só um integrante, mas um investigador dessa cena soteropolitana.

Com este trabalho, busco espaços para que qualquer lésbica, gay, bissexual, pessoa trans, travesti, *queer*, intersexo, assexual, pansexual, ou outro membro que componha a comunidade LGBTQIA+ de Salvador, ou algum(a) visitante que venha a cidade, possa abrir o *smartphone* e localizar um espaço para entretenimento, atendimento, conhecimento de e socialização com outras pessoas.

O mapeamento que apresento no perfil Espaços LGBTQIA+ em Salvador (@mapalgbt) no *Instagram* foi inspirado em outros mapeamentos de espaços acessíveis para auto proteção da comunidade LGBTQIA+ ao redor do mundo, como o #MAPALGBT Espaços para Pessoas LGBT¹ e o Mapa LGBTI - Nohs Somos²

No que se refere à o que entrego neste memorial, para além da apresentação do mapeamento realizado, através de uma revisão bibliográfica passeamos historicamente pela

¹ Disponível em:<<https://votelgbt.org/mapa>>. Acesso em 12 de junho de 2022.

² Disponível em:<<https://mapalgbti.nohssomos.com.br/>>. Acesso em 12 de junho de 2022.

formação do atual movimento LGBTQIA+, como o temos entendido neste momento, desde Stonewall à algumas das recentes transformações que o nosso movimento tem passado. Neste sentido, autoras e autores como João Silvério Trevisan (2018), Júlio Assis Simões e Regina Facchini (2009), Ronaldo Trindade (2011) e Ailton José dos Santos Carneiro (2016), são alguns dos que me ajudam a compreender algumas das dinâmicas de formação do movimento LGBTQIA+ no Brasil assim como dos espaços de socialização LGBTQIA+ da cidade de Salvador.

Ainda neste trabalho, reconhecendo a cidade de São Paulo como um dos principais pólos de espaços de socialização LGBTQIA+ brasileiro, analiso especialmente a Parada do Orgulho LGBTQIA+ da cidade, que, sendo financiada por diversas empresas e instituições, terminou por se tornar uma das maiores do mundo.

Este memorial e o @mapalgbt, juntos, são dois produtos do meu esforço de valorização de iniciativas e projetos voltados à tornar a vida das pessoas da comunidade LGBTQIA+ mais vivível. Enquanto homem bissexual, pertencente à comunidade, dos meus recortes de vivências periféricas, realizo este trabalho para que sirva de registro não só do passado como do presente.

E que cada vez mais surjam novos espaços de socialização para todas, todos e todes, até que as ruas das cidades sejam ambientes realmente seguros e possíveis para sermos o que somos.

2 O TEMA LGBTQIA+

2.1 Primórdios da Luta

Para traçar um panorama do desenvolvimento do movimento LGBTQIA+, ainda que no Brasil, é necessário, mesmo que de maneira resumida, abordar o episódio de Stonewall. Um marco histórico principalmente para a comunidade que atua politicamente de maneira coletiva e de forma ativa perante a sociedade que tanto a oprimiu, e ainda oprime, das mais diversas maneiras.

A Revolta de Stonewall, ocorrida na cidade de Nova Iorque (EUA) em 28 de junho de 1969, foi um evento que se deu num contexto de extrema repressão aos corpos sexo-gênero dissidentes, quando numa das constantes batidas policiais em espaços de socialização de tais corpos e subjetividades, no caso o bar Stonewall Inn, o público presente se rebelou contra a ação policial criando um motim, reunindo-se em uma multidão enfurecida que arremessava pedras, garrafas, e ateava fogo contra as forças militares que, surpreendidas, viram-se sem forças diante da grande manifestação que se formava. As movimentações de luta em torno do Stonewall ainda continuariam a ocorrer pelos próximos cinco dias após o primeiro momento de contestação da perseguição policial para com a comunidade, que parecia começar a se organizar politicamente enquanto grupo, em favor dos seus direitos e contra as opressões que sofriam. Após o ocorrido, surgiram diversos grupos e alianças ativistas, como a Gay Activists Alliance e a Gay Liberation Front, assim como um ano depois surgia a primeira Marcha do Dia da Libertação, que mais tarde tornar-se-ia a Parada do Orgulho LGBTQIA+, como hoje a conhecemos. Tal modelo de evento se popularizou de tal maneira que, em diversas localidades e países, se tornou comum à sua realização anual.

Para além dessa breve descrição do que foi o episódio de Stonewall, é necessário situar o protagonismo marcante das bixas e das pessoas trans negras e não brancas, como Marsha P. Johnson³. Isso porque essas figuras eram as que mais sofriam com a repressão policial, já que nesse contexto as pessoas que não estivessem vestidas de maneira “apropriadas ao seu gênero” podiam ser simplesmente aprisionadas. Sem nada ou com pouca coisa a perder, além de suas próprias vidas, foram elas quem encabeçaram a revolução. É importante mencionar este fato, pois, como veremos na história do movimento LGBTQIA+ brasileiro, construído sob efeito do

³ Mulher trans negra e exuberante, nascida no estado de Nova Jersey, tendo morado nas ruas de Nova Iorque desde os seus 18 anos, importante ativista dos direitos trans, criadora, junto à Sylvia Rivera, sua amiga, da STAR House (Street Transvestite Action Revolutionaries), Marsha P. Johnson tem a sua história de luta contada no documentário *The Death and Life of Marsha P. Johnson* (2017), de David France.

movimento estadunidense, a figura dos *gays* brancos, normativos e de classe média terminou por representar um movimento que, como dito, foi construído com o sangue e o suor de figuras que só mais tarde viriam a terem sua importância reconhecida dentro deste processo.

Especialmente desde o episódio de Stonewall, enquanto grupo sexo-gênero-sócio dissidente em escala global, temos nos articulado de maneira bastante ativa no sentido da luta pela conquista e manutenção de nossos direitos perante a sociedade, nos planos civis e sociais, ou ainda nos modos como nos reconhecemos e somos reconhecidos, reconhecidas e reconhecidos. Ainda neste sentido:

No mundo euroestadunidense, esse movimento eclodiu no bojo das lutas por direitos civis de operários, negros, mulheres e foi impulsionado pelos novos valores da juventude que questionavam velhas estruturas de poder e desafiavam modelos de comportamento. Quando do seu surgimento, aliou-se ao movimento feminista que, mais do que desafiar a dominação masculina, salientava as questões até então tidas como privadas como de relevante importância política, como era o caso da sexualidade. Esses movimentos não apenas reformularam velhas formas de organização política como também produziram revisões teórico-metodológicas de conceitos-chave para a modernidade, colocando em cheque categorias como, por exemplo, humano e indivíduo que estavam por trás das noções essencializadas de identidade. As novas configurações, fossem elas políticas ou teóricas, formavam o pano de fundo sobre o qual se construíram inicialmente no mundo euroestadunidense, e mais tarde, nas periferias do ocidente, novas formas de ativismo então ligadas à homossexualidade. Emergindo como categoria política, afirmava-se como uma nova forma de identidade social e não mais como um desvio ou uma patologia. (TRINDADE, 2011, p. 74)

Como veremos, antes da Revolta de Stonewall já existia aqui no Brasil uma movimentação de pessoas sexo-gênero dissidentes, não apenas nas ruas como em espaços de socialização específicos para este público, assim como nos Estados Unidos e diversos outros países. O que acontece é que a partir de tal episódio, aparentemente, tem-se um processo de politização e visibilização ainda mais intenso, com vias na luta por direitos e contra os estigmas que o grupo vinha sofrendo. Exportado para o mundo, o modelo das Paradas do Orgulho talvez nos revele de maneira mais explícita o modo como o ativismo estadunidense terminou por influenciar os ativismos LGBTQIA+ de diversos dos demais países ocidentais, incluindo o Brasil.

2.2 Até chegar à sigla LGBTQIA+

Tratando do histórico do movimento no nosso país, embora existam registros arqueológicos de práticas sexuais entre pessoas do mesmo sexo datando há pelo menos 17 mil anos AP⁴, como sugerido por Colling (et all. 2019), e saibamos hoje os impactos da colonização cristã portuguesa, que marginalizou os sujeitos indígenas nativos com base em pretextos racistas e também LGBTfóbicos, tendo sido a primeira vítima em terras brasileiras a figura indígena tupinambá Tibira⁵, morta em 1614 com o apoio dos jesuítas em São Luís (MA), apenas ouvimos falar sobre o desenvolvimento do que hoje entendemos como ativismo LGBTQIA+ a partir da década de 1970, como convencionou-se pensar. O marco para essa historiografia seria a formação do grupo Somos, em São Paulo, primeiro grupo brasileiro a pautar propostas de politização da questão da homossexualidade, num contexto marcado pela ditadura militar, em 1978, mesma época em que era lançado o jornal *Lampião*, focado em questões sociais e políticas relativas à homossexualidade, como veremos adiante.

Nas ciências sociais brasileiras, a homossexualidade é, hoje, uma importante linha de estudos, com numerosos e detalhados materiais de pesquisa, especialmente no que tange as experiências masculinas, o que para Júlio Assis Simões e Regina Facchini (2009) se deve ao predomínio dos homens nas organizações do movimento brasileiro desde suas primeiras fases, tendo o movimento das mulheres homossexuais e as organizações independentes de travestis ganhado mais autonomia apenas na década de 1990. Nesse sentido, a questão regional também merece ser levada em conta, uma vez que a grande maioria dos estudos se fixa no eixo do Sudeste do país, mais especialmente nas capitais dos estados do Rio de Janeiro e São Paulo.

Facchini e Simões (2009) apontam três ondas (ou fases) de desenvolvimento do que hoje entendemos como Movimento LGBTQIA+ brasileiro. A primeira fase corresponderia ao período final da ditadura militar, especialmente a partir de 1978, quando surgiram os primeiros grupos de articulação entre homens e mulheres homossexuais. A segunda, ocorreu durante a redemocratização dos anos 1980 e a mobilização em torno da Assembleia Constituinte, coincidindo com a eclosão da epidemia do HIV/Aids. A partir dos anos 1990, tínhamos então uma terceira fase, com a multiplicação dos grupos ativistas, a designação de siglas que representariam um movimento plural, para além da identidade homossexual, a consagração das

⁴Os autores preferem o uso do termo “Antes do Presente” (AP) ao invés de “Pré História”, por a segunda denotar a inexistência de diversas histórias comprovadamente ocorridas antes da chegada do colono.

⁵Para além de se referir ao nome da primeira vítima de homofobia até o momento registrada no Brasil, o termo “tibira” (ou “tivira”) era algumas vezes utilizado entre os indígenas, em discussões, como um palavrão relativo ao termo “viado” (TREVISAN, 2018).

Paradas do Orgulho, além do crescimento do mercado voltado ao público da comunidade, que cada vez mais vinha encontrando visibilidade para suas pautas.

Embora a emergência da “primeira onda” do movimento tenha se dado apenas a partir dos anos 1970, ainda antes, pelo menos desde os anos 1950, já existia no Brasil uma movimentação de pessoas em torno do interesse comum pelas identidades sexuais dissidentes, assim como pelos espaços de socialização em que podiam conhecer-se e compartilhar suas respectivas vivências. Essa movimentação se dava no âmbito das grandes cidades, ao longo de um período em que o Brasil passava por uma longa expansão urbana e industrial, especialmente nos governos de Getúlio Vargas (1930-1945) e Juscelino Kubitschek (1956-1961). Nesse contexto, afastando-se de seus núcleos familiares, diversos jovens migravam de regiões interioranas do país para as capitais dos seus respectivos estados, ou para as cidades de São Paulo e Rio de Janeiro, em busca de melhores condições financeiras e de vida, encontrando nesses lugares uma sociabilidade homossexual já pulsante, como afirmam Facchini e Simões:

Desde os anos 1950, ou até mesmo antes, encontramos nas grandes cidades formas de associação dedicadas à sociabilidade, à diversão e à paródia, aglutinando principalmente homens, que promoviam eventos como concursos de miss, shows de travestis e desfiles de fantasias. Também eram produzidos e distribuídos pequenos jornais feitos artesanalmente, como o *Snob*⁶, veiculado entre 1963 e 1969 no Rio de Janeiro, assim como várias publicações semelhantes em outras cidades. (SIMÕES; FACCHINI, 2009, p. 63)

Com o passar do tempo, assim como o *Snob*, diversos outros jornais alternativos⁷ foram surgindo, com vias ao acionamento de fortes críticas políticas e culturais brasileiras, fora das grandes empresas de mídia, que vinham sendo operadas pelas lógicas da censura militar ditatorial, mas que, na segunda metade da década de 1970, aos poucos, começam a abrir espaço para as discussões e assuntos de interesse dos homossexuais, sendo um marco, neste sentido, a *Coluna do Meio*⁸, assinada pelo jornalista Celso Curi no jornal popular *Última Hora*, de São Paulo. Num ambiente revolucionário fervilhante, com mudanças sociais e inovações culturais, além do crescimento de uma grande movimentação de contestação ao regime militar (1964-1985), um movimento político homossexual brasileiro desenhava seus contornos.

⁶O *Snob*, talvez tenha sido o mais emblemático jornal de produção caseira desse período. Idealizado por um jovem recifense, Agildo Guimarães, o impresso inspirou a criação de outros similares no Rio de Janeiro, como o *Le Femme*, de Anuar Farah, *Os Felinos*, de Gato Preto, *Okzinho*, da Turma OK, e os vários produzidos por Waldeilton di Paula, na cidade de Salvador.

⁷Um desses jornais independentes de maior impacto foi *O Pasquim*, criado em 1969 por um grupo de jornalistas cariocas. O jornal usava de um estilo bastante particular, marcado pelo humor anárquico e irreverente, para tratar de temas ligados a costumes e comportamento, sendo o primeiro veículo de grande circulação a tratar da contracultura brasileira e do “desbunde”.

⁸“Ao longo de seus três anos de existência, de 1976 a 1979, a coluna sofreu processo movido pela União com base na Lei de Imprensa, por suposta ofensa à moral e aos bons costumes” (SIMÕES; FACCHINI, 2009, p. 78). Posteriormente, Celso viria a ser absolvido do caso.

Em 1978 temos, então, a publicação inaugural do jornal *Lampião* e a fundação do grupo Somos. Dois grandes marcos para a largada na construção da historiografia de uma militância brasileira no campo das sexualidades dissidentes. Como pontuam ainda Simões e Facchini, o reconhecimento da importância dessas duas instituições se dá, especialmente, pelo “fato de terem sido alvo de estudos e publicações bastante detalhadas, que, sobretudo em relação ao Somos, documentaram suas atividades e examinaram seu ideário e suas divergências internas” (2009, p. 82), o que teria pesado decisivamente para transformar o seu estilo de militância em modelo, pelo menos daquela época.

Tratando do *Lampião*, o seu surgimento normalmente é associado à visita do ativista *gay* estadunidense Winston Leyland, editor do *Gay Sunshine*, uma das publicações direcionadas à homossexuais que circulava nos Estados Unidos. Nesta visita, realizada em 1977, Leyland se encontrou com jornalistas e escritores homossexuais brasileiros e foi entrevistado por revistas e jornais como a *Veja*, *Isto É*, *O Globo*, *Jornal do Brasil*, *Folha de S.Paulo* e *O Pasquim*. A matéria intitulada *Os gays estão se conscientizando* merece destaque por explicitar uma movimentação que vinha ocorrendo neste contexto, especialmente a partir da sua visita, que foi tão significativa que fez surgir uma mobilização de escritores e jornalistas em torno da ideia de criar uma publicação brasileira voltada ao público homossexual. “*Lampião*” viria a ser o nome do jornal que se tornou um dos marcos do Movimento Homossexual Brasileiro.

Com periodicidade mensal, no formato tablóide, o *Lampião* teve a sua primeira edição experimental (de número zero e circulação restrita) em abril de 1978, na qual destacavam-se o editorial *Saindo do Gueto*, a apresentação dos onze membros do conselho editorial⁹, além de um ensaio de Darcy Penteadó sobre uma possível arte erótico-homossexual brasileira e uma reportagem de João Silvério Trevisan sobre o processo judicial, aqui já referido em nota, enfrentado por Celso Curi por causa da Coluna do Meio. A sua edição de número 1 chegava às bancas em maio do mesmo ano, com uma tiragem de 10 mil exemplares, chegando, com o tempo, ao número de 15 mil exemplares, com distribuição ampliada para outras grandes cidades brasileiras, além do eixo Rio-São Paulo. Segundo Ailton José dos Santos Carneiro:

Em consonância com MacRae, este periódico se diferenciou das demais publicações que tratavam do tema devido a sua íntima relação com as organizações homossexuais que surgiram nesse período, fazendo com que as ideias veiculadas no jornal

⁹O conselho editorial do *Lampião* era considerado especial, por reunir um conjunto de jornalistas, escritores e intelectuais de considerável peso na vida cultural brasileira. Na lista dos onze membros, constavam: Aguinaldo Silva, Antonio Chrysóstomo, Darcy Penteadó, Gasparino Damata, Jean-Claude Bernardet, João Antonio Mascarenhas, João Silvério Trevisan, Peter Fry, Adão Acosta, Clóvis Marques e Francisco Bittencourt. Numa investida em justificar a massiva presença masculina no corpo editorial do *Lampião*, Trevisan (2018) conta que artistas e jornalistas mulheres foram contatadas na época, para compor a equipe do jornal, tendo todas recusado.

funcionassem como uma espécie de baliza para a construção de homossexualidades politizadas em todo o país. (CARNEIRO, 2016, p. 15)

Outro aspecto que diferenciava o *Lampião* era o modo como abordava a homossexualidade, procurando combater as imagens que se tinha dos homossexuais enquanto pessoas “destroçadas pelo desejo” e “incapazes de realização pessoal”, agindo de modo a colocar os homossexuais como uma, entre várias, minorias oprimidas que tinham direito à voz:

O jornal se propunha a "sair do gueto" e ser um veículo pluralista aberto a diferentes pontos de vista sobre diferentes questões minoritárias. Isso foi posto em prática com a publicação de matérias sobre movimento feminista, movimento negro, transexualidade, sadomasoquismo, populações indígenas, prisioneiros, ecologia e até mesmo uso de maconha. Também se preocupava com as condições dos que se dedicavam à prostituição masculina e feminina, tendo realizado matérias e entrevistas com travestis, garotas e garotos de programa. (SIMÕES; FACCHINI, 2009, p. 86)

O jornal sempre deu ênfase às questões de discriminação, violência e arbitrariedade policial que atingiam homossexuais, tendo também combatido a proposta, em voga em 1980, de oficialização da prisão cautelar (instrumento ditatorial), e denunciado os limites da campanha em favor da anistia política, por desconsiderar a situação dos presos comuns.

Em novembro do mesmo ano de seu lançamento (1978), *Lampião* já passava por um inquérito policial por supostas “ofensas à moral e aos bons costumes”, como já havia ocorrido com outras publicações anteriores, a citar a já mencionada Coluna do Meio de Celso Curi. Num segundo momento, “o inquérito passou a promover uma devassa na contabilidade do jornal, na tentativa de demonstrar sua incapacidade de sobreviver como empresa e forçar o encerramento de suas atividades” (SIMÕES; FACCHINI, 2009, p. 88). O inquérito viria a ser arquivado em dezembro de 1979, embora o grupo seguisse sofrendo ameaças, até mesmo com bombas jogadas contra bancas em atentados promovidos por grupos paramilitares ou ainda a distribuição de panfletos contra jornais alternativos e revistas e jornais “pornográficos”.

Quanto ao grupo *Somos*, emergiu a partir da semana de debates políticos promovida pelo jornal *Versus*, já então ligado à organização trotskista *Convergência Socialista* (atual PSTU), em abril de 1978. Inicialmente composto apenas por homens, o núcleo do *Somos* foi formado por alguns dos participantes do evento que se identificavam enquanto homossexuais. Reunindo-se semanalmente, o grupo primeiro surgiu enquanto Núcleo de Ação pelos Direitos dos Homossexuais, sendo posteriormente, em 1979, rebatizado de *Somos — Grupo de Afirmação Homossexual*, em referência ao jornal publicado pela extinta Frente de Libertação Homossexual da Argentina.

Desde o seu surgimento o grupo *Somos* experienciou um crescimento expressivo, com a adesão de cada vez mais membros, inclusive mulheres. As reuniões passaram a ocorrer em

espaços maiores e chegavam a reunir centenas de pessoas. Nesse período o grupo passou a ser dividido em subgrupos menores, reunindo-se semanalmente sob a metodologia confessional. A partir das trocas de vivências entre os/as integrantes, construía-se uma visão política e militante de atuação homossexual. Também segundo Carneiro, entre os grupos de militância, o

Somos-SP se destaca devido ao seu pioneirismo e estilo de militância que se aproximava tanto dos ideais anarquistas, que tinha como maior representante interno João Silvério Trevisan, quanto da dialética marxista, defendida por James N. Green, mais conhecido como “Jimmy”. Além desses, de acordo com Edward MacRae, compunha a organização ainda, o próprio MacRae, Glauco Mattoso, Jean-Claude Bernadet, entre outros. (CARNEIRO, 2016, p. 16)

João Silvério Trevisan, integrante do grupo Somos e pertencente ao conselho editorial do *Lampião*, era muitas vezes o responsável pela aproximação de ambas as instituições, tendo o Somos realizado avaliações de determinadas edições do *Lampião*. Em algumas dessas ocasiões o grupo fez críticas a um suposto aspecto “sério” e “frio” do jornal, além de apontar queixas a respeito do símbolo deste, onde uma representação estilizada do cangaceiro, combinada com um falo, era interpretada como “agressiva” e “desrespeitosa” para com as mulheres do movimento. Em *Devassos no Paraíso* (2018), Trevisan relata em algumas passagens o tensionamento que existia entre o recente Movimento Homossexual com as camadas políticas institucionalizadas de esquerda e direita.

Ao longo de 1979 as relações entre as duas instituições se estreitavam ainda mais, tendo o jornal publicado algumas matérias relacionadas ao grupo e seus membros colaborado com o corpo editorial do jornal. Integrantes do Somos colaboravam ainda na comercialização do jornal nos espaços de socialização dos “homossexuais” em São Paulo, distribuindo cópias das edições que continham matérias sobre o grupo. O Somos também saía em defesa do *Lampião*, criando uma comissão, colhendo assinaturas em um manifesto em apoio ao jornal na ocasião do inquérito contra o seu conselho editorial.

Ainda em 1979, nesse período de publicização, as mulheres do Somos criaram um subgrupo específico denominado Lésbico-Feminista (LF), articulando outras não participantes do grupo, a fim de produzir matérias sobre a homossexualidade feminina e espaços de sociabilidade destas para publicações no *Lampião*. Mesmo enfrentando dificuldades para se manter ativo, o subgrupo permaneceu trilhando o seu caminho até a sua emancipação do Somos, o que ocorreria no ano seguinte ao seu surgimento, a partir da fundação do Grupo de Ação Lésbica-Feminista (GALF). Após relatar os embates que ocorriam dentro do Somos, entre os homens e mulheres que o formavam, onde buscava-se falar sobre diversas situações de machismo que ocorriam dentro da célula, sobre a criação deste subgrupo Trevisan conta:

A intenção das lésbicas de formar um núcleo autônomo e exclusivamente feminino gerou uma polêmica acalorada que durou várias semanas e deixou bem claro que ser homossexual não significava uma automática aliança com as mulheres — as vezes até pelo contrário. (TREVISAN, 2018, p. 323)

A partir do início da década de 1980 passam a existir, também, diversos outros grupos de militâncias homossexuais espalhados pelo Brasil. Eros-SP, Libertos/Guarulhos-SP, Auê-RJ, Beijo Livre/Brasília-DF, Grupo de Afirmação Gay/Caxias-RJ, Grupo 3C Ato / Belo Horizonte-MG, concentrados especialmente na região sudeste, eram alguns deles.

Discussões sobre possíveis relações dos grupos ativistas com partidos políticos também já provocavam tensões nas reuniões e eventos que ocorriam, sendo essa questão, talvez, o principal motivo de “racha” do grupo Somos, quando parte dos membros participaram de uma manifestação de apoio aos trabalhadores em greve do ABC paulista. A partir deste e de outros episódios, sob o argumento de que “o Somos estava com sua autonomia comprometida em virtude da atuação de membros ligados a organizações político-partidárias” (SIMÕES; FACCHINI, 2009, p. 108), algumas pessoas se desligaram do grupo e formaram a Ação Homossexualista, grupo que posteriormente seria rebatizado de Outra Coisa. “Anarquista” e “reacionário”, membro do grupo de militantes opostos à participação no evento político em comemoração ao Dia dos Trabalhadores, Trevisan, em primeira pessoa, argumenta:

Eu sabia, sobejamente, que a chamada “liderança proletária” costumava esconder, debaixo do seu apelo à unidade, todo tipo de imposição e manipulação, já que só aceitava a unidade conforme ditada por seu Comitê Central. Eu estava igualmente ciente de que, nos bastidores, os trotskistas queriam tirar óbvios rendimentos com a presença de homossexuais sob sua égide na passeata do dia Primeiro de Maio, na qual cada grupúsculo de esquerda se degladiava para aparecer mais. (TREVISAN, 2018, p. 330)

Após o “racha” no Somos, aconteceria o que ficou conhecida como a primeira manifestação de rua do movimento homossexual no Brasil, quando, em 1980, os militantes homossexuais ocuparam a frente do Teatro Municipal de São Paulo em ato contra a "Operação Limpeza" promovida pela polícia civil do estado, capitaneada pelo delegado José Wilson Richetti. A operação caminhava contra os frequentadores noturnos do centro da cidade de São Paulo, atingindo pontos de efervescência sociabilidade homossexual, como a rua Vieira de Carvalho e o largo do Arouche.

Com três anos de vida, sustentando-se apenas com as vendas em bancas e as assinaturas, com o abrandamento da censura, agora concorrendo com pequenas revistas e jornais da grande mídia que começavam a tratar de determinadas questões acerca dos homossexuais, o Lâmpião passava por dificuldades financeiras sempre que suas vendas oscilavam, tendo sido a sua última edição, de número 37, publicada em 1981, deixando “órfãos”

um grande número de emergentes e consolidados grupos homossexuais que o tinham como principal meio de difusão de suas ideias.

Com a redemocratização e a expansão das alternativas de consumo voltadas ao público homossexual, os grupos organizados de militâncias perderam cada vez mais suas forças. Na primeira metade da década de 1980 houve uma expressiva redução de suas atividades. São Paulo, cidade que até então concentrava a maioria de tais grupos, aos poucos, desaparecia no “mapa de ativismo homossexual”.

O Somos também passava por uma crise que fez com que cada vez mais militantes se desvinculassem do grupo que, em 1983, com dificuldades financeiras e para atrair novos membros, fora extinto. No ano seguinte, o grupo Outra Coisa, fragmento do Somos, também encerrava as suas atividades por motivos similares.

O GALF, tendo atuado tanto no movimento feminista quanto no “gueto homossexual feminino”, divulgava seu boletim Chanacomchana¹⁰, criado em 1981, circulando com periodicidade instável, ao longo dessa década. Apesar das dificuldades materiais para se manter, além das crises internas por divergências pessoais e políticas, o grupo paulista da “primeira onda”, que continuou ativo ao longo dos anos 1980, chegou aos anos 1990 como Rede de Informação Um Outro Olhar. Nesta fase, o passou a se constituir como organização não-governamental, como seria uma constante dos grupos desta época.

Como apontam Simões e Facchini (2009), a década de 1980 é o período que podemos compreender como “segunda onda” do movimento. Com uma acentuada diminuição nos grupos organizados, vemos uma grande mudança nos formatos de militância que eclodem dentro do contexto político brasileiro de redemocratização e frente à eclosão do HIV/Aids. Para além das frentes de representação que surgiam dentro dos partidos políticos, preocupados com aspectos mais formais, os grupos militantes tomam formatos de organizações institucionais voltadas à garantia dos direitos civis e contra a discriminação e a violência dirigidas aos homossexuais. Nesse contexto surgem o Triângulo Rosa¹¹, fundado por João Antônio Mascarenhas, ativo entre os anos de 1985 e 1988, e o Grupo Gay da Bahia (GGB)¹², fundado por Luiz Mott em 1980 e ativo ainda hoje.

¹⁰19 de agosto é a data em que alguns setores do movimento propõem ser, o "Dia do Orgulho Lésbico", em referência ao ocorrido no ano de 1983, quando membras do GALF foram expulsas do Ferro's Bar, tradicional ponto de frequência homossexual feminina de São Paulo, quando tentavam distribuir exemplares do boletim Chanacomchana.

¹¹O nome do grupo talvez seja uma menção ao sinal utilizado pelos nazistas para distinguir os homossexuais dos demais prisioneiros, nos campos de concentração.

¹²O GGB é a mais antiga organização não governamental (ONG), voltada para a defesa dos direitos dos homossexuais no Brasil, ainda em atividade. A instituição que tem sede situada em Salvador, embora

Inicialmente composto por 17 membros¹³, todos homens, sendo o primeiro grupo brasileiro a pôr em prática, em 1981, uma campanha pela retirada da homossexualidade do Código de Classificação de Doenças do Instituto Nacional de Assistência Médica e Previdência Social, reunindo assinaturas de cerca de dezesseis mil apoiadores incluindo líderes políticos e associações científicas, o GGB encabeçou o processo que fez com que, em 1985, a homossexualidade deixasse de ser tratada enquanto doença ao menos nas vias institucionais. Em âmbito internacional, essa conquista se deu apenas entre 1993 e 1994.

As mudanças de postura política do movimento caminhavam também pela não-discriminação da homossexualidade na Constituição, e neste sentido, o termo “opção sexual” passou a ser substituído por “orientação sexual” no discurso da militância, que buscava ao máximo criar uma imagem “respeitável” para os homossexuais perante a sociedade, afastando-se dos aspectos “marginais” das diversas vivências e pessoas que eram atreladas ao movimento.

Edward MacRae denuncia, no artigo *Os Respeitáveis Militantes e as Bichas Loucas*, publicado originalmente em 1982, o distanciamento dos primeiros militantes homossexuais, em regra de camadas mais intelectualizadas da sociedade, dos diversos frequentadores dos guetos homossexuais, vistos por estes como “alienados”. Esta polarização ficou evidente quando, em 1981, o Grupo Gay Da Bahia enviou um artigo para o Jornal Lampião da Esquina, porta-voz do MHB em sua primeira fase, para noticiar o 1º Encontro de Grupos Homossexuais Organizados do Nordeste (EGHON). Segundo MacRae, o texto escrito pela militância baiana carregado de palavras de ordem como “auauau é legal ser homossexual”, “ado adoado ser viado não é pecado”, entre outras, gerou um mal-estar nos editores do jornal que buscavam construir nas páginas do seu periódico uma outra representação da homossexualidade, muito mais respeitável e distante das veiculadas na grande mídia e encarnada pelos frequentadores dos guetos homossexuais. (CARNEIRO, 2016, p. 13)

Este momento de constante ressignificação política e social da homossexualidade viria a sofrer rachaduras com o desenvolvimento da epidemia do HIV/Aids, que logo foi atribuído pela mídia como uma espécie de “peste gay”. Sobre esse período inicial da epidemia, que

historicamente tenha sido uma das mais importantes cédulas no que se refere à contabilização dos casos de violências LGBTfóbicas no nosso país, sofre duras críticas pelo movimento LGBTQIA+ por ainda hoje manter o seu nome enquanto uma organização “estritamente” Gay, ou ainda por muitas vezes, como em seu próprio site, tratar da comunidade sob a sigla GLBT, ignorando algumas das transformações que o movimento há algum tempo vem vivendo.

¹³ “Entre os membros-fundadores, chamam a atenção nomes como os de Ricardo Líper, Antônio Pacheco, também conhecido como Tony Pacheco, Alexandre Ferraz, Hédimo Santana, Wilson Santana, Aroldo Assunção, Huides Cunha, Davi Aranha, entre outros. Embora a iniciativa de formar um grupo político em torno da homossexualidade tenha partido de Luiz Mott, já se podia perceber nesse momento uma agitação político-cultural em Salvador para a construção de um movimento homossexual baiano. Muitos desses membros já discutiam e atuavam em defesa da homossexualidade, mesmo sem fazer parte de um grupo propriamente homossexual” (CARNEIRO, 2016, p. 16-17).

especialmente os homossexuais masculinos enfrentaram, além do modo como inicialmente o movimento se colocou, Simões e Facchini contam que:

Em 1982, os primeiros doentes de Aids foram identificados no Brasil: dois rapazes com sarcoma de Kaposi¹⁴ que tinham estado recentemente nos Estados Unidos. Em 1983, a morte do estilista Marcus Vinícius Resende Gonçalves, o Markito, aos 31 anos, deu ressonância à doença e ao medo por ela despertado. Ainda nessa época, mesmo entre os ativistas homossexuais, a visão que predominava era a de uma enfermidade confinada aos mais ricos e aos que tinham condições de viajar ao exterior. As insistentes conexões entre homossexualidade e Aids, propagadas pelos médicos, reforçavam uma atitude crítica bastante arraigada da militância contra o discurso de moralização e controle da medicina. A Aids aparecia então como mais um "complô dos médicos". (SIMÕES; FACCHINI, 2009, p. 128)

Surpreendidos pelo vírus que logo se espalhou, com a escalada de matérias sensacionalistas na imprensa, que ecoava declarações abertamente preconceituosas de autoridades médicas e de políticos ligados a grupos religiosos, e com o aumento do número de crimes violentos contra homossexuais e travestis, fragilizado, o movimento precisou se posicionar de maneira ativa na tentativa de mediar todas as tensões que ecoavam neste contexto.

Em 1985, em São Paulo, surgia o Grupo de Apoio e Prevenção à Aids (GAPA), primeira organização brasileira completamente focada na questão¹⁵. O estado de São Paulo foi o primeiro do Brasil a ter uma resposta governamental, em 1983, frente a orientação não discriminatória e de defesa dos direitos dos afetados, através do Programa de DST - aids.

Com o tempo, instituições como a Associação Brasileira Interdisciplinar de Aids (ABIA) e o Grupo Pela VIDDA (Valorização, Integração e Dignidade do Doente de Aids) surgiram, até que em 1988 consolidou-se um Programa Nacional de Doenças Sexualmente Transmissíveis (DST)¹⁶ dentro da estrutura do Ministério da Saúde do Governo Federal. Em 1989, ocorreu no Canadá o primeiro encontro internacional de ONGs-Aids, com a criação do International Council of Aids Services Organizations (ICASO). No mesmo ano, ocorreu também no Brasil o primeiro de muitos encontros que passaram a ser realizados anualmente para a criação de uma rede nacional de ONGs-Aids.

¹⁴Sarcoma de Kaposi, uma espécie de câncer de pele que se considerava afetar apenas idosos, foi também o diagnóstico inicial de oito jovens homossexuais de Nova Iorque, enquanto na costa oeste dos Estados Unidos, em São Francisco e Los Angeles cinco outros homens homossexuais adoeciam com uma forma rara de pneumonia, em 1981.

¹⁵Do contexto estadunidense, cabe lembrar aqui a formação de grupos como o ACT UP/NY, que atuava junto à pesquisa científica e ao mesmo tempo reivindicava junto ao governo um plano de combate à epidemia, denunciando a existência de atos legais discriminatórios que impediam a implementação de programas educativos eficazes.

¹⁶Atualmente reivindica-se o termo "Infecções Sexualmente Transmissíveis" (IST's), por considerar-se que embora infectados, não necessariamente os pacientes estejam doentes, além de buscar-se destacar a possibilidade de uma pessoa ter e transmitir uma infecção, mesmo sem sinais e sintomas.

Em 1990, em meio a uma maior expansão dos números de vítimas da Aids e confrontos entre ONGs-Aids e o Programa Nacional do Ministério da Saúde, que propagava campanhas de caráter duvidoso, foi posta em prática a decisão de distribuição gratuita de medicamentos antirretrovirais e camisinhas na rede pública e, em 12 de dezembro (Dia Mundial de Luta contra a Aids) de 1991, pela primeira vez um Presidente da República fez pronunciamento à nação sobre a epidemia.

O fato é que a Aids, especialmente no seu auge, deixou milhões de mortos em todo o mundo. Entre as vítimas, encontramos nomes de artistas e celebridades como Freddie Mercury, vocalista da banda britânica Queen, morto em 1991, um dia após assumir publicamente ser uma das vítimas da Aids. No Brasil, os casos dos astros Renato Russo¹⁷ e Cazuza¹⁸ ganharam destaque na mídia, este último sendo a primeira personalidade nacional a assumir publicamente a sua condição de vítima do HIV, sofreu uma parada cardiorrespiratória quando a revista *Veja*, em sua edição de abril de 1989, numa matéria sensacionalista de oito páginas, além da capa da revista que continha a sua imagem (visivelmente debilitada), prematuramente decretou a sua morte.

Neste ambiente de crise na saúde pública e dentro da própria comunidade, nos anos 1990 vemos o então movimento homossexual retomar o seu vigor, a partir da formação de novas redes, grupos, associações e encontros nacionais. A partir do formato sedimentado em boa parte por meio da experiência das ONGs-Aids, nesse período os grupos passaram a buscar cada vez mais apoio financeiro de outras instituições, elaborando projetos de trabalhos e formando quadros mais bem preparados para estabelecer relações com a mídia, parlamentares, técnicos de agências governamentais e associações internacionais. Aqui, as pautas da comunidade ganham mais espaços dentro dos partidos políticos¹⁹, através de setores específicos. Neste momento, temos também o fortalecimento do movimento de mulheres homossexuais, assim como o aumento de travestis e pessoas transgêneras engajadas em grupos próprios de militância, como a Associação de Travestis e Liberados (ASTRAL), que junto a

¹⁷ “Em 1994, dois anos antes de morrer, também vítima da Aids, o cantor e compositor Renato Russo assumia publicamente sua homossexualidade e lançava um disco de canções em homenagem aos 25 anos da Revolta de Stonewall, destinando parte do dinheiro da vendagem para associações voltadas à luta pelos direitos homossexuais” (SIMÕES; FACCHINI, 2009, p. 137).

¹⁸ Mesmo após diagnosticado com a Síndrome da Imunodeficiência Adquirida, Cazuza produziu os álbuns *Burguesia* (1989) e *Ideologia* (1988), onde numa das estrofes da faixa título diz “o meu prazer agora é risco de vida”. Após a sua morte, a ONG Viva Cazuza foi criada por sua mãe, com a proposta de destinar os lucros com as vendas do cantor à assistência de saúde, educação e lazer às crianças e adolescentes que vivem com HIV.

¹⁹ Embora desde os anos 1990, já haja uma presença de pessoas LGBTQIA+ em partidos como o PT e o PSTU, apenas nos anos 2000 vemos surgir, de maneira mais expressiva, candidaturas de membros da comunidade a cargos políticos no Brasil.

outros grupos representaram, pela primeira vez, as pessoas trans no VII Encontro Nacional de Gays e Lésbicas de 1995, realizado em Curitiba, momento a partir do qual o termo "travestis" foi incorporado ao nome dos futuros encontros nacionais. Essa nova movimentação, que marca o início de uma “terceira onda” do movimento, desencadeou a construção de um movimento mais plural:

Até 1992, o termo usado era "movimento homossexual brasileiro", às vezes designado pela sigla MHB, e os congressos de militância eram chamados de "encontros de homossexuais". O termo "lésbicas" passou a ser usado no encontro de 1993, enquanto a denominação "gays e lésbicas" foi empregada no encontro de 1995. Nesse ano foi criada a ABGLT, com o nome de Associação Brasileira de Gays, Lésbicas e Travestis, que, muito recentemente, passou a se denominar Associação Brasileira de Gays, Lésbicas, Bissexuais, Travestis e Transexuais, mantendo, porém, a sigla original. O termo "travestis" foi acrescentado a "gays e lésbicas" no encontro de 1997, e os termos "bissexuais" e "transexuais" foram incluídos no encontro de 2005, quando se formaram também as respectivas redes de associações nacionais desses segmentos. (SIMÕES; FACCHINI, 2009, p. 15)

Dessa maneira, o movimento homossexual iniciava o seu processo de transfiguração, que culminaria na atual sigla LGBTQIA+ (Lésbicas, Gays, Bissexuais, Travestis, Trânsgeros, Queers, Intersexo, Assexuais e mais), ainda sob o emblema da bandeira arco-íris²⁰, em que as mais diversas identidades sócio/gênero/sexuais dissidentes teórica e institucionalmente se fazem representadas.

Nesse histórico de transformações do movimento tivemos siglas como GLS (Gays, Lésbicas e Simpatizantes), GLBT (Gays, Lésbicas, Bissexuais e Travestis), entre outras, até a atual configuração, enquanto movimento LGBTQIA+, onde não apenas a ordem das letras foi atualizada, como o reconhecimento e a inserção de outras identidades, como a das pessoas Queer, Intersexo, Assexuais... e o símbolo de mais (+) ao final, atento às mais diversas identidades de sexo-gênero dissidentes existentes, mesmo as ainda não catalogadas e que estão por vir.

²⁰Embora a bandeira arco-Íris seja atualmente o maior ícone do movimento, com o passar dos anos e desenvolvimento de militâncias específicas para cada segmento da luta, veremos surgir outras diversas bandeiras com combinações variadas de cores, a citar a bandeira que carrega duas listras azuis, duas cor de rosa e uma faixa central branca, que representa as pessoas transgêneras. Esse processo de organização segmentada do movimento se deu também no âmbito da luta, por exemplo, dos LGBTQIA+ deficientes, judeus, negros, gordos... entre outras intersecções possíveis.

2.3 A metrópole paulistana como pólo da socialização LGBTQIA+ brasileira

É comum a ideia de que levar estilos de vida mais alternativos e distantes de determinados padrões sociais muitas vezes se torna mais difícil quando se reside em cidades menores e do interior do Brasil. Talvez também possamos concordar que quanto maior a cidade, maior a possibilidade de encontros com pessoas de identidades similares às nossas, assim como tende a ser maior também o número de espaços e eventos destinados a públicos não cis-heterossexuais. Neste sentido:

Vale salientar que a partir da segunda metade do século XX, a sociedade brasileira passou por importantes transformações, muitas delas ocasionadas pelo recrudescimento do processo de urbanização gerado pelo grande fluxo de migrações internas. Com isso, nas décadas de 1960 e 1970, as grandes cidades do país se tornaram o principal destino para um indivíduo ansioso em ingressar numa sociabilidade homoerótica e expressar coletivamente sua identidade homossexual. De acordo com o historiador estadunidense James N. Green, a partir de 1972, houve nos principais centros urbanos brasileiros, como Rio de Janeiro, São Paulo, Belo Horizonte, Salvador, entre outros, um grande investimento em saunas, boates e discotecas voltadas, sobretudo, para o público homossexual masculino da classe média em expansão. Além desses espaços, os cinemas, praias e/ou praças públicas continuavam sendo importantes pontos de encontro eróticos, principalmente para os mais pobres e negros. (CARNEIRO, 2016, p. 11)

A cidade de São Paulo, conhecida como um grande pólo cultural brasileiro, especialmente por sua economia pulsante e incentivo de empresas dos mais diversos segmentos, durante muito tempo foi, e em alguma medida ainda continua sendo, um dos principais destinos de pessoas em busca de maiores oportunidades de trabalho, mas também de viver uma cultura de festas e clubes de maneira mais intensa. Não desconsiderando nenhuma das problemáticas e dificuldades encontradas por muitas dessas pessoas quando em terras paulistanas, aqui apresento a metrópole de São Paulo como um efervescente celeiro no que tange ao número de espaços e eventos destinados ao público LGBTQIA+ no Brasil. Não à toa a cidade abriga a maior e uma das mais famosas Paradas do Orgulho LGBTQIA+, pelo menos desde o ano de 2011, quando bateu o recorde de cerca de quatro milhões de pessoas na Avenida Paulista.

Mas antes de tratarmos do fenômeno das Paradas do Orgulho da cidade de São Paulo, revisitando o período de movimentações ainda antes da consolidação do movimento que atualmente chamamos de LGBTQIA+, vale olharmos para um cenário em que já era constante a presença de homossexuais em bailes de carnaval e fã-clubes das divas da Era do Rádio, quando já se desenhavam os primeiros “territórios” de frequência majoritariamente homossexual nos centros das maiores cidades do país. Sobre a emergência de alguns destes espaços, o filme *São Paulo em HI-FI* (2016), de Lufe Steffen, com certa nostalgia, através de relatos de algumas pessoas que viveram tais momentos, nos mostra o desenvolvimento de

diversos espaços de “sociabilidade homossexuais” na cidade de São Paulo entre os anos 1960 e 1980, como a Galeria Metr pole, os bares Barroquinho, Paribar e as casas noturnas Medieval, Homo Sapiens, Corinto e a HI-FI. O filme busca caminhar de maneira a resgatar certo *glamour* de tal período.

As movimentac es em torno dos ambientes de diversão, marginais, eram por vezes desqualificados pelos militantes que, por volta dos anos 1970, formavam o que chamávamos de Movimento Homossexual Brasileiro. O projeto de politiza o que se construía definia-se muitas vezes em contraposi o aos “guetos homossexuais”.   esta altura, a “comunidade homossexual” que se formava e cada vez mais se fortalecia, já sofria por repressões policiais²¹, sendo muitas vezes enquadrada nas leis contra “vadiagem”, perturba o da ordem pública e prática de atos obscenos em público — uma vez que a homossexualidade não era punida no Código Penal brasileiro²². Nesse sentido, os homossexuais negros e mais pobres eram os maiores alvos.

Segundo Simões e Facchini (2009), quanto às mulheres homossexuais deste período anterior   primeira fase do movimento no Brasil se tem poucas fontes, de modo que as informa es sobre os espaços de convivência e sociabilidade de mulheres homossexuais se tornaram bem mais escassas. Os autores apontam que, ao final dos anos 1950, alguns bares, boates e restaurantes, além de determinados pontos de encontros de intelectuais, artistas e bo mios, passaram a ser ocupados também por mulheres, muitas que abusavam da discricão, com códigos que se faziam reconhecidas apenas por outras mulheres também homossexuais. Deste contexto homossexual feminino vale citar o restaurante Ferro’s Bar, situado próximo   praça Roosevelt, que como pontua os autores,

Tomou-se um ponto conhecido de frequência de mulheres masculinizadas, tendo sua ambienta o e suas personagens evocadas nas histórias de amor proibido e paixão entre mulheres escritas por Cassandra Rios, uma das campe as de vendagem de livros nas décadas de 1960 e 1970, lida e admirada por muitas mulheres dessa gera o. (SIMÕES; FACCHINI, 2009, p. 68)

Nos primeiros anos da década de 1970, então, tivemos a expansão dos espaços voltados   sociabilidade e paquera homossexual nos centros das grandes capitais. Bares, restaurantes e boates (dentre outros segmentos), especialmente direcionadas aos homens homossexuais de classe média, floresciam, criando circuitos com regiões de estabelecimentos

²¹Nesse contexto, destaca-se a atua o do delegado Raimundo Padilha, responsável por encabeçar campanhas de prisão de homossexuais considerados “delinquentes”, especialmente entre os anos 1950 e 1960, no Rio de Janeiro.

²²Com influência das inova es napoleônicas, após o período de independência o Brasil, a partir do Código Criminal sancionado em 1830, retirou a “sodomia” da lista de crimes.

ocupados por shows de transformistas/artistas travestis, e ainda áreas de circulação de garotos de programa.

A cena cultural da década de 1970 no Brasil é extremamente importante de ser estudada também neste sentido. O país convivia já há alguns anos com o contexto de ditadura militar (1964 - 1985) que, em 1968, instituiu o Ato nº 5, enrijecendo ainda mais a censura à determinados segmentos, com base em julgamentos moralizantes, além de perseguições, torturas e assassinatos cometidos pelos órgãos da repressão. De maneira paradoxal ao momento político que se vivia, a androginia e a moda “*unissex*” tornavam-se tendências celebradas por cantores populares estrangeiros de sucesso, como David Bowie e Alice Cooper, antropofagicamente influenciando artistas brasileiros como Caetano Veloso e o grupo musical Secos & Molhados (S&M), que tinha Ney Matogrosso nos vocais. O grupo teatral DziCroquettes²³, liderado pelo coreógrafo estadunidense de ascendência italiana Lennie Dale, também fazia sucesso neste momento, percorrendo o país com espetáculos de dança e humor em que os padrões de gênero eram embaralhados no palco, pelas “personagens”, e também na vida cotidiana pelos artistas que as davam vida.

No que se refere à história da Parada do Orgulho LGBTQIA+ de São Paulo, oficialmente ela teve a sua primeira edição realizada em 1997, ainda enquanto Parada do Orgulho GLT - Gays, Lésbicas e Travestis²⁴, na avenida Paulista. No ano anterior, porém, na praça Roosevelt, em 28 de junho, aludindo à revolução de Stonewall, já teria ocorrido uma concentração de alguns militantes da “causa *gay*” e simpatizantes ao movimento. Indo contra as convenções, considerando a pequena movimentação de 1996 como a primeira edição da parada, Ronaldo Trindade nos apresenta um panorama que mostra não apenas alguns aspectos do evento de 1997, como um comparativo que evidencia a dimensão que a parada tomava já nos seus primeiros anos.

Em 28 de junho de 1997, por volta das catorze horas do domingo, a Paulista já se encontrava tomada por alguns trios elétricos e um grande número de gays e lésbicas (alguns fantasiados, outros não), travestis e drag queens, desfilando seus coloridos e exuberantes trajes. Iniciava-se a segunda edição da Parada do Orgulho Gay de São Paulo. Visivelmente mais populosa e igualmente mais sonora e colorida, ela povoou o centro financeiro do país e fez dele, naquele dia, uma coisa outra. Dessa vez, não estavam apenas os fundadores do movimento e os grupos punks. Misturados à multidão estavam agora os anarquistas, militantes da CUT e de alguns partidos políticos como PT e PSTU, personalidades do meio artístico, da noite e da moda, além de muitos outros desconhecidos que, de acordo com cálculos da Polícia Militar,

²³Sobre o grupo, sugiro assistir ao filme *Dzi Croquettes* (2010), de Raphael Alvarez e Tatiana Issa.

²⁴Ao longo da história das Paradas no Brasil, acompanhando as transformações da sigla do movimento, de “Orgulho GLT” já tivemos a Parada do Orgulho GLS, onde o “S” representaria os “simpatizantes”, tivemos também a Parada do Orgulho GLBT... Até mais recentemente a compreendermos enquanto Parada do Orgulho LGBTQIA+. Algumas vezes a letra “P”, representando os “Pansexuais”, também tende a ser inclusa depois da letra “A” na sigla da comunidade e consequentemente na sigla da parada.

totalizaram 3,5 mil pessoas. Presente também estava a então deputada Marta Suplicy, personagem política de grande destaque entre os homossexuais por ser autora do projeto de parceria civil registrada, e do grande público por sua atuação feminista tanto no meio acadêmico quanto na mídia. (TRINDADE, 2011, p. 80)

Ainda segundo Trindade:

A cidade do Rio de Janeiro também comemorou o seu dia do orgulho gay nesse mesmo domingo, levando à orla de Copacabana um número também significativo de seguidores. Os triunfos das paradas realizadas na capital carioca e, principalmente em São Paulo, instauraram mudanças em relação às representações de homossexualidade correntes dentro ou fora do grupo. Não eram mais pessoas que primavam pelo anonimato, ciosas de violência e repressão. Se atraídos pela festa ou pela militância, não importava. Estavam nas ruas assumindo publicamente sua homossexualidade, ufanando-se dela e abarrotando de orgulho os velhos e calejados militantes presentes; mas não somente a eles. (TRINDADE, 2011, p. 81)

Consolidada, a Parada do Orgulho da cidade de São Paulo passou então a ser um evento esperado não apenas no local sede como por diversas pessoas residentes dos interiores e dos estados vizinhos. Com o seu rápido crescimento, em 1999 foi criada a Associação da Parada do Orgulho GLBT²⁵, instituição responsável pela organização da celebração.

Enquanto festejo político, a parada sempre esteve a pautar questões relativas aos direitos civis e ao combate da LGBTfobia. Para além de um evento festivo, a parada construiu-se enquanto um importante evento político. Tendo, em cada edição, uma temática importante para a comunidade colocada em debate, a manifestação com o tempo foi tomando ares de uma semana cultural, tendo sua programação expandida em diversos pontos da cidade de São Paulo, mobilizando debates, exposições, sessões cineclubistas e etc., fortalecendo também um circuito de boates, bares e demais espaços dedicados a determinados membros da comunidade LGBTQIA+, que passaram a produzir eventos diretamente relacionados à semana do orgulho.

Em pouco tempo a manifestação de rua tornava-se a maior Parada do Orgulho do mundo, recebendo anualmente um número expressivo de turistas brasileiros de outras regiões e também de outros países, quebrando recordes de público a cada nova edição.

A partir do seu crescimento vertiginoso, a Parada do Orgulho da cidade de São Paulo logo tornou-se um megaevento, principalmente quando os empresários de diversos setores da economia perceberam o potencial lucrativo que poderiam ter apoiando o evento e colocando-se como empresas “amigas da causa”²⁶. A esta altura as paradas já contavam com um

²⁵ “Esse grupo, embrionariamente, contava com a experiência de militantes já envolvidos com a discussão pública a respeito da homossexualidade em São Paulo. Uma vez constituída uma associação, foi possível multiplicar as ações e os diálogos com o Estado e demais instituições, visando aumentar o número de participantes, ampliar as formas de divulgação e estruturar melhor o evento. Seguindo esse novo campo de possíveis novas alianças e formas de atuação, os coordenadores estimavam para esse ano a presença de 14 mil pessoas” (TRINDADE, 2011, p. 81).

²⁶ “No ano de 2001, por ocasião da V Parada do Orgulho GLBT de São Paulo, que para sua preparação teria desembolsado 320 mil reais, 200 mil foram arrecadados de apenas três empresas privadas (portal IG, energéticos

considerado número de trios elétricos e carros alegóricos patrocinados por algumas casas noturnas da cidade destinadas a este público. Refletindo sobre a política do *pinkmoney*²⁷:

Enquanto a parada se consolidava como um grande movimento de massa, o seu público passava a despontar em discussões relacionadas não apenas a política gay, mas também aos indicadores econômicos. Os gays estavam por cima, de salto alto, como afirmou na época uma matéria da revista Isto É. O texto fazia emergir o poder de consumo dos homossexuais no Brasil e alertava que, apesar de ainda não haver números específicos sobre o valor movimentado pelos homossexuais brasileiros, existem indícios de um aumento na demanda de produtos e serviços voltados para esse segmento. (TRINDADE, 2011, p. 87-88)

Então alvo de um mercado de consumo, estando cada vez mais presentes na mídia, não devemos perder de vista o fato de os homens *gays* brancos de classe média terem se tornado um modelo bem quisto de consumidor, visto que em propagandas, cartazes e demais campanhas publicitárias, este terminou por se tornar o maior representante da múltipla e diversa comunidade. Ainda neste sentido, as demais pessoas representadas pela atual sigla LGBTQIA+, especialmente as negras e mais pobres, com pouca ou sem nenhuma representação na mídia, continuavam a ser as maiores vítimas de violências LGBTfóbicas. Vale mencionar o fato de o Brasil ser um dos países mais LGBTfóbicos do mundo, com expressivos números de violência e mortes a pessoas da comunidade²⁸.

Apesar do modo como o mercado terminou por se apropriar do significado da Parada do Orgulho LGBTQIA+, é notável a importância de sua participação incentivando financeiramente o evento que hoje tem dimensões imensas e grande relevância como marco para a luta LGBTQIA+ brasileira.

Partindo de uma análise etnográfica do evento na sua edição de 2016, quando se comemorava 20 anos de sua existência, onde tinha-se como tema pautas relativas às figuras

Red Bull e companhia aérea South África), ainda que 200 outras tenham sido contatadas. Nesse momento, os homossexuais foram documentados de formas várias e representados na imprensa como valiosos consumidores, muitos deles oriundos das camadas médias e altas da população. Nesse mesmo ano, essas suspeitas se tornaram fato, uma vez que 200 mil pessoas que ocuparam a Avenida Paulista vieram prestigiar o evento oriundos das mais diversas cidades e estados brasileiros e também de outros países” (TRINDADE, 2011, p. 88). Na sua edição de 2021, realizada de maneira online por conta da pandemia de COVID-19, pelo menos cerca de 11 empresas patrocinaram o evento, entre elas o banco Bradesco, a operadora de telefonia TIM, além da marca de cosméticos Avon e a grife Jean Paul Gaultier.

²⁷*Pink Money* é o termo atualmente utilizado para tratar do valor advindo do consumo de pessoas LGBTQIA+ no que se refere aos mais diversos produtos e serviços. Neste sentido, pensar sobre uma política do *pink money* é de alguma maneira considerar que, enquanto comunidade, nos tornamos um poderoso nicho consumidor que tem atraído a atenção do mercado capital.

²⁸Em matéria publicada no jornal Extra a partir de dados coletados pelo GGB em relatório, no ano de 2021 o Brasil registrou pelo menos 300 mortes violentas contra pessoas LGBTQIA+. Contabilizando apenas os casos que vieram à público através da mídia, este número representa um aumento de 8% em relação ao número de mortes violentas de LGBTQIA+ no ano de 2020. Tais índices coloca o Brasil como um dos países mais violentos do mundo para com LGBTQIA+. Matéria disponível em: <<https://extra.globo.com/noticias/brasil/brasil-teve-300-mortes-violentas-de-pessoas-lgbtqia-em-2021-aponta-relatorio-rv1-1-25411201.html>>. Acesso em 27 de maio de 2022.

trans da comunidade, Caroline Bonfim Pereira, Calliandra Sousa Ramos e Ruan Coelho (2016) destacam da parada a diversidade do público, não apenas no que se refere às sexualidades e identidades de gênero como quanto ao etarismo, raça, classes sociais e diferentes modos de expressarem-se publicamente. Sobre este ponto, complementam:

A Parada LGBT demonstra não somente a pluralidade expressada em cada letra que compõe a sigla, mas diferentes experiências da grande festa que se realiza em torno do orgulho LGBT. Dessa maneira, observamos públicos, movimentos sociais, expressões artísticas (performances, gêneros musicais, fantasias) que sugerem múltiplas demandas reunidas no mesmo local. (PEREIRA; RAMOS; COELHO, 2016, p. 2)

Em suas observações, as autoras e o autor ainda ressaltam o teor político da manifestação festiva, destacando não apenas a presença de empresas e instituições privadas, como a Netflix que na ocasião gravava uma cena da sua série original *Sense 8*, como o engajamento de centrais sindicais como a CUT - Central Única dos Trabalhadores e o Sindicato dos Professores do Ensino Oficial de São Paulo. Entre bandeiras do arco-íris, muita música e dança, cartazes e frases de protesto, outro ponto observado foi a segmentação que se dá em relação ao público, uma vez que com diversas opções de trios e atrações pôde-se perceber, a partir de gostos em comum e outras identificações, a existência de espaços com maior presença de pessoas negras, brancas, *gays*, lésbicas, trans e etc.

Com caráter de fervo político, considerando que “a manifestação de sexualidades fora do espaço privado pode promover e gerar reflexões a todos os indivíduos, participantes ou não de eventos como as paradas LGBT” (ORTOLANO, 2010, p. 3), a parada terminou por se tornar uma extensão dos bares, boates e demais espaços privados de socialização LGBTQIA+, levando para o palco das ruas, anualmente, naturalizando, os nossos jeitos de amar e nos expressar e viver.

O sucesso do seu formato impulsionou a replicação do seu modelo em diversas outras cidades, de norte a sul do Brasil, onde, anualmente, seguindo datas aproximadas, a luta da comunidade toma as ruas em cima de trios elétricos, com bandeiras do arco-íris, *shows drag*, muito brilho, purpurina, cartazes e falas em protesto às pautas relativas às dissidências da comunidade. Os corpos, em festa, festejam a vida como modo de gritar para o mundo o orgulho, que é individual, mas também coletivo. Segundo Trindade (2011, p. 92) “Hoje, São Paulo possui a maior Parada Gay²⁹ do mundo e o Brasil é um dos países que conta com o maior número de cidades que realizam esse tipo de manifestação”.

²⁹Estando atentos ao modo como o movimento LGBTQIA+ historicamente foi resumido à “causa gay”, não deixemos passar despercebido “tentativas de resumo” da comunidade, que reúne a luta de tantas identidades sexo-

2.4 O fervo identitário e os espaços culturais LGBTQIA+ de Salvador

Em 1993, após uma longa batalha judicial, o Grupo Gay da Bahia obtinha o registro de sociedade civil sem fins lucrativos. Neste momento, o então Movimento Homossexual Brasileiro já passava por mudanças no que tange aos modos de organização e articulação política, a citar o afastamento que se tinha com os guetos *gays* que, a partir de então, passou a ser “abraçado” pelo movimento, que pareceu mais preocupado com a politização da homossexualidade tanto dentro quanto fora dos espaços de militância. Essa nova postura, encabeçada especialmente pelos militantes baianos, tornou-se estratégica quando o GGB, ainda nos anos 1980, passou a mapear as áreas de maior homossociabilidade da capital baiana, com vias da aproximação do movimento com os frequentadores de tais espaços. Como aponta Carneiro:

Tal preocupação do grupo com esses territórios de sociabilidade homossexual partia da concepção que a existência desses espaços delimitados, por si só, evidenciava a negação dos direitos civis dos homossexuais. No entanto, esta constatação ao invés de servir para distanciar os militantes baianos dos guetos *gays* da cidade, negando sua importância na luta por uma cidadania plena homossexual, impulsionou-os ainda mais a lutarem pelo seu fortalecimento e ampliação, visando uma maior ocupação da cidade por aqueles que desfrutavam dos prazeres com o mesmo sexo. (CARNEIRO, 2016, p. 21)

Neste sentido,

Os “outros espaços” da cidade de Salvador – “heterotopias” – foram cartografados pelo Grupo Gay da Bahia na primeira edição do “Guia Gay da Bahia”, publicado em 1981. Neste informativo produzido pelo grupo são listados os principais locais e estabelecimentos de sociabilidade homossexual na capital baiana no início da década de 1980, alguns deles em funcionamento desde os anos 1940 e 1950. Nesse excuro pela “Salvador dos homossexuais” duas regiões da cidade se destacam por atrair grandes agrupamentos de pessoas amantes do mesmo sexo: o centro e a extensa orla da cidade. (CARNEIRO, 2016, p. 21)

De acordo com o mapa criado pelo GGB naquele contexto, se referindo aos espaços públicos da região central da cidade, onde existia uma movimentação de tal público, se destacavam a Praça da Sé, o Terreiro de Jesus, a Rua da Ajuda, a Praça Municipal, a Praça Castro Alves, a Praça da Piedade; a Rua Carlos Gomes³⁰, o Largo dos Aflitos e a Praça do Campo Grande. Da região da orla de Salvador o mapa apontava o Porto, o Farol e o Cristo da Barra, além das praias da Pituba, a Praia dos Artistas e a de Placaford, como as principais áreas de convergência homossexual.

gênero dissidentes à apenas uma identidade, essa homossexual e masculina. Não desconsideremos também o ano de publicação do texto aqui utilizado enquanto referência, quando esses tensionamentos ainda estavam em curso.

³⁰ O documentário *Rua Carlos Gomes* (2022), de Dino Neto, é um ótimo registro rico em depoimentos de antigos frequentadores deste local, importante ponto de socialização LGBTQIA+ da cidade de Salvador.

Tratando dos espaços privados de homossocialização, observando uma crescente formação de um “mercado *gay*” soteropolitano já naquele período, a publicação do GGB apontou também para a presença de bares e boates voltados para, ou tendo como principais frequentadores, um público homossexual masculino em sua maioria de classe média. Dos estabelecimentos citados podemos mencionar a *Boate Tropical*, então situada na Baixa dos Sapateiros, e as extintas boates *Holmes*, localizada no bairro do Gamboa, e a *Safari*, na Rua Carlos Gomes. Os bares *Cactus*, localizado no antigo Beco dos Artistas, no Garcia, o *Oásis* e o *Braseiro*, na Carlos Gomes, também foram mencionados pelo grupo, também segundo o qual, no início dos anos 1980, o *Zanzibar* e o *Barzim* eram pontos de encontro entre mulheres lésbicas.

Enfatizando a questão de classe, que muito afetava nas dinâmicas de ocupação de tais espaços, visto a evidente desigualdade socioeconômica no interior da comunidade, Carneiro lembra que

Para o cientista político Juan P. Pereira Marsiaj, os locais públicos são sempre mais ocupados por homossexuais de classes mais baixas, expostos a todo tipo de vulnerabilidade, enquanto os espaços privados, saunas, bares, boates e outros, concentram um maior número de homossexuais das classes média e alta. Tal observação já poderia ser feita na década de 1980, uma vez que com a expansão de um mercado voltado para os homossexuais o status socioeconômico não definia apenas a classe social dos membros da comunidade, mas também o grau de marginalização que este sujeito poderia sofrer, podendo ser classificado como o “gay rico” ou “entendido”, mais palatável numa sociedade heteronormativa, ou a “bicha pobre”, vulnerável a todos os tipos de discriminações. Estes conflitos de classe entre os amantes do mesmo sexo na cena gay de Salvador foram evidenciados pelo Grupo Gay da Bahia, no artigo intitulado “Bahibaby Night”, publicado em seu boletim informativo em abril de 1982. (CARNEIRO, 2016, p. 23)

Diante de tal conjuntura socio-econômica, muitos foram os espaços, públicos ou de preços mais acessíveis, onde sujeitos homossexuais, ou homens que fazem sexo com outros homens, encontraram-se para práticas sexuais, desde determinados sanitários públicos³¹ à cinemas³² como o *Cine Astor*, na Rua da Ajuda, o *Bistrol*, no Politeama, e o *Pax*, na Baixa dos Sapateiros.

A partir deste mapeamento,

o GGB manteve um diálogo com os guetos homossexuais de Salvador, realizando manifestações político-culturais, distribuindo panfletos ou informativos acerca dos direitos civis ou negação deles para a comunidade homossexual, pichando em muros frases de conteúdos valorativos sobre a homossexualidade, coletando assinaturas para abaixo-assinados que visavam à alteração ou a promulgação de leis, e prestando serviços sociais ou defendendo gays, lésbicas e travestis das

³¹Sobre esse assunto, sugiro leitura da dissertação de Tedson Souza (2012), onde se faz um registro etnográfico de práticas sexuais ocorridas no banheiro público masculino da Estação da Lapa, em Salvador.

³²Aqui podemos citar pelo menos dois locais deste segmento em funcionamento na cidade: a Colônia Filmes, cinema pornô com poltronas e *darkroom*, localizado na rua Ruy Barbosa, 17, Centro; e a Vídeo Bahia Cabines, local com salas de vídeo, cabines e *dark room*, situado na Rua do Salete, Barris.

agressões praticadas por policiais militares e outros indivíduos que destilavam seu ódio contra esses sujeitos. (CARNEIRO, 2016, p. 24)

Ainda segundo Carneiro:

pode se perceber que mesmo com o aumento dos espaços de homosociabilidade e de práticas homoeróticas na capital baiana, estes locais ainda eram poucos e restritos a um público seletivo, composto majoritariamente por homens brancos das camadas médias. Na própria apresentação do “Guia Gay da Bahia” de 1981, o GGB expõe uma Salvador para o turista interessado em desfrutar dos prazeres com mesmo sexo em sua visita, como uma cidade de desempregados, pobre e violenta, principalmente, se comparada às grandes cidades do sul-sudeste do país. (CARNEIRO, 2016, p. 23)

Atualmente no site do GGB consta uma lista³³, ainda que desatualizada, intitulada *Roteiros GLBT em Salvador*, onde espaços públicos como o Jardim de Alah, o Beco da Off e o Largo Pedro Archanjo, além dos bares *Melancia Blue*, *Santo Forte*, *Caras e Bocas*, *Mocambinho*, *Bar de Ray (Bar Champanhe)* e *Âncora do Marujo*, entre outros, são mencionados, assim como as boates *Amsterdam Pop Club*, *Off Club* e *San Sebastian*, entre outras. A publicação ainda menciona algumas saunas, cabines, teatros e praias pertencentes ao roteiro “GLBT” da cidade.

Outro mapeamento que aqui merece destaque foi o realizado entre 1999 e 2000 por Luiz Mott, fundador do GGB, que mapeou a extensão da “ocupação homossexual em Salvador”, o que denominou de “cena gay³⁴”. Segundo Érico Silva do Nascimento, Osvaldo Fernandez e Marco Antônio Matos Martins:

De acordo com o estudo, a cena gay de Salvador contaria, entre 1999 e 2000, com 9 bares e 3 boates, 7 saunas e 3 cinemas (2 pornográficos e 1 onde o sexo entre homens era comum). O autor listou também 12 ruas e monumentos históricos, além de 6 praias onde ocorreriam atividades ligadas à expressão da homossexualidade masculina. A partir dos dados encontrados na monografia *Territórios e Circuitos Homossexuais em Salvador: há um gueto gay?*⁷ (NASCIMENTO: 2007), no período 2004-2007 podem ser encontrados, em Salvador, 2 cinemas de sexo, 5 praias, 7 saunas, 16 ruas e monumentos e 15 bares e boates, divididos em três grandes áreas da cidade, denominadas “manchas”. (NASCIMENTO; FERNANDEZ; MARTINS, 2010, p. 2)

Os autores, por sua vez, no texto intitulado *Territórios LGBT em Salvador - Usos do Espaço, Sociabilidade e Violência* (2010), definem o Centro, a Barra e a orla da Boca do Rio como três áreas de atuação de um mercado de espaços destinados à socialização LGBTQIA+. Já no texto de Celio Silva Meira (2018), o bairro do Rio Vermelho, localizado entre os bairros de Ondina e Amaralina, é a região analisada de forma mais especial:

³³Disponível em: <<https://grupogaydabahia.com/about/menus-geral/roteiros-e-servicos/>>. Acesso em 10 de junho de 2022.

³⁴“Em sua obra, Mott (2000, p. 13) definiu a ‘cena gay’ como sendo ‘os espaços ao ar livre, logradouros urbanos e estabelecimentos comerciais que servem de nicho ecológico para sociabilização e encontros de variados graus entre homens com atração homossexual’” (MEIRA, 2018, p. 151).

De locais com mesas na calçada a outros que são quase clubes noturnos, de jazz ao vivo a karaokê, os bares gays dentro da comunidade homossexual de Salvador, são tido como um dos espaços de “fechação gay”. De segunda a domingo há opções para todos os gostos e bolsos. Este bairro possui toda uma programação voltada para esse tipo de público, como bares e restaurantes, boate que atende especialmente a este segmento. Com todos esses atributos, o supracitado espaço ficou bem conhecido na “cena gay de Salvador”, claro que há outros espaços pela cidade que vem também atender à comunidade LGBT, porém, o que mais nos chamou atenção durante nossas observações foi justamente o Bairro do Rio Vermelho. (MEIRA, 2018, p. 152)

Apontando para a questão da violência, logo depois Meira observa:

Vale ressaltar que, embora o público LGBT opte por este bairro como um espaço em que possa expressar-se enquanto identidade de condição gay, em junho de 2016 um jovem denominado Leonardo Moura de 30 anos, seu corpo foi encontrado na praia da Paciência após ter sofrido agressões ao sair de uma boate gay no bairro do Rio Vermelho. A suspeita dos familiares é que Leonardo Moura tenha sido vítima de um caso de homofobia. Apesar de ser um espaço urbano onde este segmento social pode expressar sua territorialidade, ele também inspira alguns cuidados para com esta população. (MEIRA, 2018, p. 153)

Como pôde ser visto até aqui, embora possamos dizer que a região do centro e toda a extensão da orla abrigam o maior número de espaços LGBTQIA+ *friendly*³⁵ de Salvador, os espaços têm se modificado e, com isso, também pode ser observadas modificações que se dão nos fluxos dos corpos LGBTQIA+ na cidade. Considerando que os fluxos não são estáticos, se fazem importantes trabalhos que se dediquem a atualização desses mapas de socialização LGBTQIA+, não apenas por um registro histórico, mas por sua real importância e utilidade para a comunidade LGBTQIA+ que transita pela cidade de Salvador.

Neste sentido, no próximo capítulo apresento o @mapalgbt. Um mapeamento de alguns dos atuais espaços de convivência e socialização da comunidade LGBTQIA+ soteropolitana.

3 O MAPA LGBTQIA+

3.1 Comunidades LGBTQIA+ em rede

Como vimos até aqui, a criação de um senso e pertencimento de comunidade tem ajudado pessoas LGBTQIA+ de todo o mundo a reconhecerem os seus desejos e experiências de maneiras mais saudáveis, a partir de diálogos, encontros e trocas com pessoas iguais pela diferença, além da possibilidade de uma maior mobilização em favor das pautas importantes para o coletivo. Sobre este sentido de pertencimento de grupo, minha orientadora, Gisele Nussbaumer, em sua tese de doutorado publicada em 2004, já refletia:

³⁵ Com essa expressão me refiro aos espaços “amigáveis” às pessoas LGBTQIA+.

Os indivíduos se sentem mais à vontade e seguros quando se comunicam com outros que se assemelham a eles, que partilham os mesmos interesses, opiniões e valores. Como assinala Edmond Lipiansky, “o sujeito encontra uma confirmação e um reforço daquilo que ele é, e assim, uma reafirmação de sua identidade” (1992, p.222)⁶⁰. Ao contrário, quando uma pessoa não encontra ninguém com os mesmos interesses para se comunicar, pode se sentir desvalorizada, excluída e se retrair. (NUSSBAUMER, 2004, p. 97)

Refletindo sobre essas redes que se dão nos campos sociais de interação *offline*, se faz necessário tratar, também, de algumas dinâmicas postas nas redes de socialização *online*, uma vez que a sociedade que vivemos tem refletido “o ideal comunitário que vem se apropriando tanto do ambiente *off line* como (ou sobretudo) do ambiente *on line*” (NUSSBAUMER, 2004, p. 109). Neste sentido:

A presença dos *gays* [e demais pessoas LGBTQIA+] no ciberespaço pode ser interpretada como resultado de um processo de apropriação das novas tecnologias de comunicação, através das quais se instaura a potência, a vontade de estar-junto, a socialidade de agrupamentos que passam do ambiente *off line* para o *on line* (e vice-versa). (NUSSBAUMER, 2004, p. 119)

Por se tratar de um ambiente onde o anonimato é possibilitado, as redes *online* de socialização muitas vezes terminam por se tornarem de fundamental importância para muitas pessoas LGBTQIA+ que por algum motivo não conseguem expor suas reais identidades nos contextos de interação *offline*³⁶. Nussbaumer, porém, ressalta que “na maioria das comunidades, as pessoas criam uma identidade eletrônica que é extensiva à sua identidade *off line*. (NUSSBAUMER, 2004, p. 95). Ainda segundo a autora,

No ciberespaço, cada um pode mais facilmente encontrar lugares e entrar em contato com pessoas com as quais poderá partilhar seus interesses, sua intimidade. Nas listas de discussão *gay*, são comuns histórias pessoais relatando *outings* que aconteceram fora da rede [*online*], mas que foram estimulados a partir da experiência de uma maior exposição pessoal, íntima, na rede [*online*]. A experiência de reafirmação identitária no ambiente *on line*, fortalece os indivíduos para uma maior exposição do que é íntimo também no ambiente *off line*. (NUSSBAUMER, 2004, p. 98)

No atual ambiente onde os *smartphones* e a conexão à *internet* tem feito parte da vida cotidiana da maioria das pessoas das grandes cidades, destaco a rede social *Instagram* como um importante instrumento de encontro de pessoas, separadas por nichos identitários mediados por algoritmos.

O potencial do *Instagram* no Brasil pode ser medido não apenas pelo seu crescente número de novos usuários ativos, o que já faz do nosso país o segundo maior consumidor da rede³⁷, como pelo modo como temos nos engajado na plataforma pela qual expomos alguns

³⁶ “Wertheim também destaca o ciberespaço como um ambiente propício para experimentações identitárias, como um domínio no qual as pessoas podem pôr em prática fantasias e alteregos de uma maneira que não se arriscariam a fazer no ambiente *off line*” (NUSSBAUMER, 2004, p. 95).

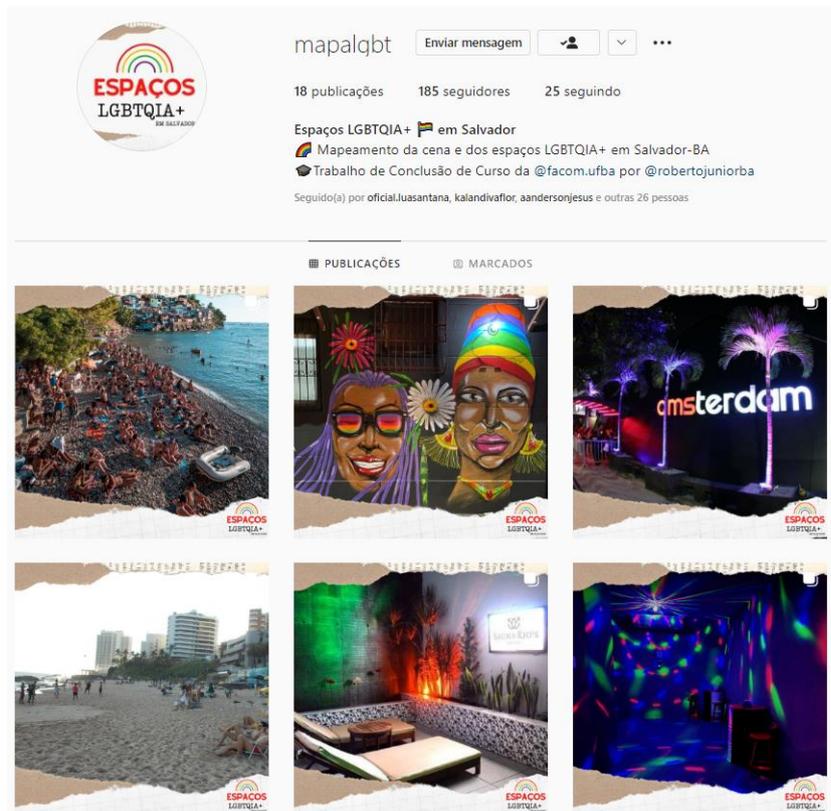
³⁷ Disponível em: <<https://blog.opinionbox.com/pesquisa-instagram/>>. Acesso em 11 de junho de 2022.

aspectos de nossas vidas, trocamos informações e experiências, nos mobilizamos, mas também fazemos negócios e buscamos indicações de produtos, locais e serviços.

Entre perfis pessoais, de influenciadores, empresas, organizações e outras instituições, o *Instagram* se consolidou como uma das redes sociais mais utilizadas no Brasil. Este aspecto foi de grande relevância ao se considerar a criação de um mapeamento de espaços de sociabilidade LGBTQIA+ que ficaria disponível em tal rede, sendo útil para qualquer pessoa que se interesse e busque expandir a socialização em comunidade, do ambiente *online* para o *offline*, na cidade de Salvador.

3.2 O @mapalgbt

O @mapalgbt é uma página no *Instagram* onde estão mapeados os espaços de socialização e entretenimento da comunidade LGBTQIA+ de Salvador.



Captura de tela do perfil @mapalgbt no *Instagram*

O projeto surgiu durante as aulas de COM116 - Elaboração de projeto em comunicação, ministrado pela professora Doutora Annamaria Palácios. Inicialmente a proposta era de ser um aplicativo para que a comunidade LGBTQIA+ moradora de Salvador, que estivesse visitando a cidade, ou que estivesse programando uma viagem, pudesse localizar espaços e eventos culturais que estivessem ocorrendo na cidade. Dentre as funcionalidades do aplicativo, seria a possibilidade de contactar os produtores dos espaços culturais para tirar dúvidas, obter

descontos, fazer reservas, ver cardápio, ver fotos do espaço registradas pelos usuários e pela instituição, ler comentários de avaliação dos usuários, fazer o *check in* e registrar a presença no evento para outras pessoas saberem e poder marcar um encontro. É um projeto ousado que pode vir a acontecer com algum fomento. Contudo, devido às limitações de conhecimento em programação e a falta de estrutura financeira para a contratação de um programador, durante os debates nas aulas de COM116, em conjunto com os colegas de turma, avaliamos que seria uma alternativa viável a criação de um *website* com o mapeamento dos espaços culturais LGBTQIA+ de Salvador. Entretanto, durante a pesquisa e os diálogos no desenvolvimento orientado do TCC, decidimos que o *Instagram* seria a plataforma ideal para acolher o projeto por mais acessível a nível de custo e a nível de alcance do público.

A página Espaços LGBTQIA+ em Salvador está publicada no *Instagram* e tem um potencial de alcance gigantesco. Na plataforma, é possível interagir com diversos públicos, fazer links diretos com os espaços culturais, atualizações em tempo real, enquetes e publicações de novos espaços da cena que possam vir a surgir ou sejam sugeridos pela audiência.

Com foco nos espaços culturais da cena e não nos eventos que venham a ocorrer nesses espaços, o @mapalgbt tem uma identidade visual composta pelo simbólico arco-íris, representação da comunidade LGBTQIA+, além de recortes de jornal, para representar a ideia de registro. As fotografias dos espaços, foram retiradas das redes sociais oficiais dos espaços culturais. A pesquisa foi realizada através das redes sociais dos espaços, em perguntas enviadas a caixa de mensagens do *Instagram* dos espaços, em sites, notícias e em vivências empíricas minhas e de amigos. A criação da identidade visual e a edição das imagens, foi realizada através da ferramenta *Canva PRO*. Foram realizadas 18 publicações em formato carrossel, com 4 a 9 imagens em cada uma das publicações, totalizando 102 imagens no produto. O *feed* do *instagram* é triplo, o que permite três imagens por linha. No planejamento, eu sabia que teria que programar um número de publicações que fossem um número múltiplo de 3 para que não ficasse um espaço vazio no *feed* da página.



Marca do perfil da página @mapalgbt no Instagram

O projeto se desenvolveu com o intuito de colaborar para que a comunidade tenha acesso à uma lista de locais em que possam ter afetividade em segurança, sem se sentirem constrangidos com medo de sofrer LGBTfobia.

Realizado em 2022, ano de finalização desta minha formação em Comunicação, com habilitação em Produção em Comunicação e Cultura pela Universidade Federal da Bahia (UFBA), este mapeamento aponta para os seguintes espaços de sociabilidade LGBTQIA+ da cidade de Salvador:



O **Âncora do Marujo** (@ancoradomarujo), é um dos maiores símbolos de resistência LGBTQIA+ da cidade e funciona há 22 anos sendo o palco para a arte transformista.

Localizado na Av. Carlos Gomes, o bar funciona em uma casa, que ao se acomodar nas mesas e cadeiras, o público pode assistir aos espetáculos das drags bem de perto, consumindo as bebidas e os petiscos servidos. O espaço não é muito grande, então se prepare para chegar cedo e garantir o seu lugar. Os preços são comerciais e o bar funciona com sistema de fichas.

Âncora do Marujo - Bar com shows de drag queens

Endereço: Rua Carlos Gomes, 808 - Dois de Julho

Funcionamento: Terça a domingo - Das 22:00 às 04:00

A praia do **Porto da Barra** é um reduto de todas as tribos da comunidade LGBTQIA+ e recebe todos os dias desde turistas a moradores de todos os bairros de Salvador. A concentração da cena, fica principalmente no meio e o lado direito da praia, próximo ao Forte de São Diogo, onde fica localizada uma bandeira LGBTQIA+.

O mar é calmo e tem sempre ambulantes vendendo todos os tipos de comidas e bebidas com pagamento em cartão e pix. Precisa pagar pelas cadeiras e mesas, independente do consumo nas barracas.

Porto da Barra - Praia frequentada pela comunidade LGBTQIA+ de Salvador

Localização: Próximo ao Forte São Diogo

Funcionamento: O público LGBTQIA+ costuma frequentar principalmente aos fins de semana.





A **Tropical Club** (@tropicalclubssa) foi fundada em 1977 e é a casa noturna em funcionamento a mais tempo em Salvador. Está localizada no Centro, possui duas pistas, dark room e open bar com valores acessíveis. Dentre as suas principais atrações, estão a Festa da Cueca e a Festa dos Ursos. No segundo andar, tem um teatro onde costumam ter shows de drags e artistas locais. O espaço fica em uma ladeira, não tem lugar para estacionar nem parada de ônibus próxima. Recomendamos ir ao local de táxi ou motorista de aplicativo.

Tropical Club - Casa noturna com festas temáticas, darkroom e open bar

Endereço: R. Gamboa de Cima, 24 - Centro

Funcionamento: Sextas e Sábados - Das 22:00 às 05:00

A balaustrada do Porto da Barra, logo após o Pôr do Sol, se transforma no “**Sofá da Hebe**” aos fins de semana. Point de encontro da comunidade LGBTQIA+, o local é um espaço de muita fechoação, close e paquera. Existem depósitos de bebidas que ficam bem à frente do local com valores acessíveis.



Sofá da Hebe - Point de encontro LGBTQIA+.

Endereço: Porto da Barra - Ao lado do Instituto Mauá.

Funcionamento: Após o pôr do sol, principalmente aos domingos.



O **Bar da Pri** (@bardaprii) é um espaço que está localizado no Pelourinho, e logo na sua fachada, tem hasteada uma bandeira LGBTQIA+ identificando o público a que se destina o espaço. O Bar tem uma programação diversificada que vai desde o tradicional Karaokê, às festas temáticas com drag queens comandando a pista de dança com sets de DJs e performances. O espaço tem um palco, mesa de sinuca, mesas e cadeiras de boteco, onde o público costuma além de bater papo e consumir as diversas opções de drinks e petiscos do

cardápio, jogam dominó e carteadado. No cardápio, se encontram opções para todos os gostos, e os preços são comerciais.

Bar da Pri - Bar com programação artística diversificada

Endereço: R. Gamboa de Cima, 24 - Centro

Funcionamento: Terças e quartas - 18:00 às 01:00 / Quintas e Sextas - 18:00 às 02:00 / Sábados - 18:00 às 03:00

A sauna **Clube 11** (@clube11) está localizada no bairro do Tororó, no Centro de Salvador há 18 anos. A casa tem sauna seca e a vapor, 3 andares e é voltada exclusivamente para o público masculino. Nos seus atrativos, estão os shows de drags com performances, bingos e famosos concursos, como o “Meu Ovo é um Show” no período da Páscoa. No cardápio, tem disponíveis cervejas, petiscos e até garotos de programa para todos os gostos.



Clube 11 - Sauna com *boys* e performances *drags*.

Endereço: R. José Duarte, 11 - Tororó.

Funcionamento: Terça a domingo, das 15:00 às 22:00.

O **La Bouche** (@labouchecreperia) é parada obrigatória da comunidade LGBTQIA+ no beco



da OFF. Quem frequentava a cena soteropolitana nos anos 80 e 90, sabe que o La Bouche era o es quente obrigatório das festas da boate OFF Club. Após o fechamento da boate, o bar e restaurante continua atraindo a comunidade LGBTQIA+ que frequenta o espaço consumindo os seus deliciosos crepes, drinks e petiscos. O espaço está aberto há 19 anos e tem uma programação musical com voz e violão. Na fachada do espaço há uma grande plotagem com as cores do movimento LGBTQIA+.

La Bouche - Restaurante e Bar com música ao vivo.

Localização: Rua Dias D' Ávila, 326 - Barra.

Terça à Domingo - Das 12:00 às 00:00.

O **San Bar** (@sanbarrv) é um dos espaços do Grupo San Sebastian localizado na área externa da Pirâmide do Rio Vermelho. No local, tem cadeiras e mesas como em um boteco e o seu cardápio é composto por uma variedade de drinks, que até determinados horários, podem ser dobrados. Os valores cobrados no cardápio são bem mais caros, comparado aos outros espaços mapeados. Na programação, o local dispõe de DJs que visam esquentar os clientes para as festas que acontecem nos outros espaços da Pirâmide do Rio Vermelho (@sanboate) e (@amsterdamrv).



San Bar - *Happy Hour* com *Drinks*

Endereço: Rua Conselheiro Pedro Luiz, 113- Rio Vermelho

Funcionamento: Sextas e sábados a partir das 18h.



O **Carmén Lounge Bar** (@carmenlbsalvador) foi fundado em 2020 e funciona na Avenida Carlos Gomes. O espaço tem dois ambientes e um palco para as performances de arte drag e para os famosos concursos que ocorrem no espaço. No cardápio, tem disponíveis cervejas, drinks e petiscos.

Carmén Lounge Bar - Bar com apresentações de *drags* e concursos.

Localização: R. Carlos Gomes, 860 - Centro.

Funcionamento: Quinta a Domingo - A partir das 21:00.

O **Point do Japa** (@point_do_japa) está localizado na Praia da Paciência. A casa se tornou o point de quem busca curtir só um esquete e de quem quer curtir a noite toda, já que o espaço dispõe de uma programação diversificada com DJs e drags que animam a pista de dança aos fins de semana. O espaço dispõe de varanda, pista de dança e cabine de DJ. O carro-chefe da casa são os drinks, que fazem sucesso. Caso queira comprar os drinks, você não precisa acessar a casa. Pode entrar na varanda externa, comprar e sair com o seu drink. Os valores são comerciais e as caipirinhas costumam ser dobradas. Se estiver com pressa, esse pode não ser o seu point. Os drinks costumam demorar de ser preparados devido a grande demanda. O espaço interno não é muito grande, e quando está cheio, o local fica bastante quente. O público é majoritariamente jovem e LGBTQIA+.



Point do Japa - *Drinks* dobrados com pista de dança.

Localização: R. da Paciência, nº 116 - Rio Vermelho.

Funcionamento: Quinta e domingo 19h às 03h - Sexta e sábado 19h às 05h.



O **Boteco do Paulista** (@botecodopaulista_ssa) funciona na praia da paciência e têm se tornado um espaço frequentado pela comunidade LGBTQIA+ devido aos *shows de drags* que vem acontecendo na casa, tanto na parte interna, tanto na varanda, na parte externa. No cardápio, o carro chefe são os pastéis e as cervejas bem geladas.

Boteco de Paulista - Bar com petiscos e *shows de drags*.

Localização: R. da Paciência, 263 - Rio Vermelho.

Funcionamento: Domingo a Quinta - 17:00 às 23:00 / Sexta e Sábado - 17:00 às 03:00.

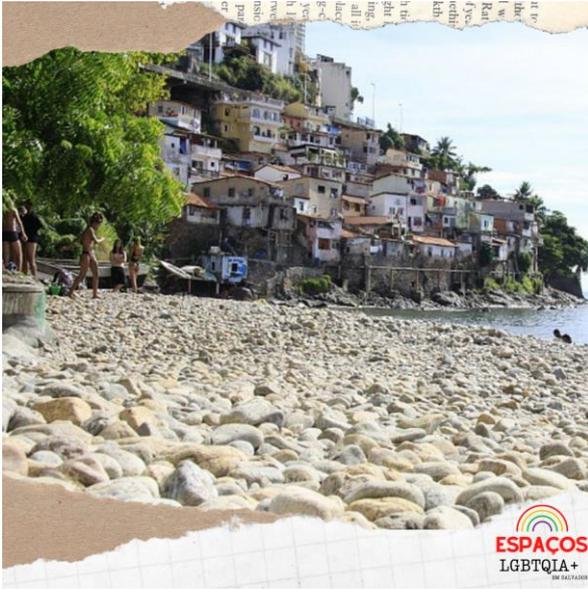
A **Boate San** (@sanboate), está localizada na Pirâmide do Rio Vermelho e possui uma grande infraestrutura. A casa tem festas que vão desde a música eletrônica ao pop, visando agradar a todos os públicos. No cardápio, as bebidas tem um alto custo e podem assustar na hora do pagamento da comanda. Os ingressos também costumam ter valores altos, o que fazem o seu perfil de público ser um pouco mais elitizado.



Boate San - Pista de dança com apresentação de DJs.

Localização: R. Conselheiro Pedro Luiz, 488.

Funcionamento: Quinta a Sábado - A partir das 20:00.



A **Praia da Gamboa de Baixo** está localizada ao lado do Solar do Unhão, onde fica o @bahiamam e costuma ser bastante frequentada pela comunidade LGBTQIA+ soteropolitana. Com todo o charme do bairro que foi cenário de clipe da @anitta, de novela da @tv Globo e de série da @netflix, a orla tomada por pedrinhas, ao invés de areia, e a vista para a Baía de Todos os Santos no pôr do sol, tornaram a Gamboa de Baixo uma das praias mais especiais da cidade. No local, ainda é possível desfrutar de algumas barracas

para consumo de bebidas e petiscos, e contratar barcos para conhecer outras praias da região da orla de Salvador.

Gamboa de Baixo - Praia de pedras frequentada pela comunidade LGBTQIA+

Localização: Ao lado do Solar do Unhão - Av. Contorno, s/n - Dois de Julho

O **Clube Rio's For Man** (@clube.rios) é uma sauna que funciona há 22 anos nos Barris, centro da cidade. O espaço possui diversos ambientes, dentre eles, as saunas secas e a vapor, cinema, ambiente para leitura, área externa com jardim, *darkroom* e uma discoteca para o entretenimento dos frequentantes. A casa também promove festas com Open Bar e *Buffet*.

Clube Rio's For Man - Sauna com diversos espaços

Localização - Rua Almeida Sande, 8 - Barris

Funcionamento: Todos os dias - Das 15:00 às 21:00





A **Amsterdam Club Bar** (@amsterdamrv), está localizada na Pirâmide do Rio Vermelho e oferece festas com diferentes estilos e conceitos visando atrair a todos os públicos. A casa noturna oferece uma estrutura com duas pistas de dança e uma decoração com bicicletas, remetendo à cidade de Amsterdã na Holanda. O cardápio segue a mesma linha dos outros espaços do Grupo San Sebastian e os preços são altos. O público que frequenta é majoritariamente jovem, e o local costuma ter filas para o acesso.

Amsterdam Club Bar - Casa noturna com duas pistas e festas temáticas

Localização - Rua João Gomes, 249, Rio Vermelho

Funcionamento - Quinta, sexta, sábado e vésperas de feriados - Das 22:00 às 06:00

O **Colliseum - Bar e Boate** (@colliseumssa) é uma casa noturna que funciona no Rio Vermelho. As festas são voltadas à música eletrônica e são famosas pelos “*afters*” onde a casa recebe clientes de outros lugares ao longo da noite e pela manhã. A maioria das festas costumam ter serviço de open bar.



Colliseum - Bar e Boate - Casa noturna com open bar

Localização: Rua Conselheiro Pedro Luiz, 190 - Rio Vermelho

Funcionamento: Sextas e Sábados - A partir das 23:00



O **Bar das Preta** (@bardaspreta) funciona no bairro Dois de Julho, e todo o seu ambiente é voltado a estética, cultura e a culinária Afro-Brasileira. No cardápio, contém bebidas e pratos com nomes em referências a símbolos regionais. Em sua programação, é possível desfrutar de música ao vivo com artistas locais. No muro principal, há um lindo grafite com duas mulheres negras, em que em uma delas, há um turbante com as cores da bandeira LGBTQIA+. As mesas e cadeiras ficam na calçada do bairro, contanto, é

importante ter atenção aos pertences.

Bar das Preta - Bar e Restaurante com música ao vivo

Localização: Rua democrata, 16 - Dois de Julho

Funcionamento: Segunda, Terças e Quintas das 17:00 às 23:00 | Sextas e Sábados das 10:00 às 23:00 | Domingos das 07:00 às 20:00.

Esses foram os lugares mapeados durante o tempo desta pesquisa, o que compreende o período de 08 de março de 2022 a 12 de junho de 2022, onde busquei registrar e indicar espaços de socialização LGBTQIA+ ativos neste tempo na cidade de Salvador. Aqui destaca-se a diversidade de espaços, de praias à bares e boates, que a cidade oferece para as pessoas LGBTQIA+, habitantes e turistas, que nela transitam.

Quantidade	Tipo de Espaço	Espaços
3	Praias	Porto da Barra, Praia da Gamboa de Baixo e Praia do Buracão
1	Espaço público	Sofá da Hebe
2	Saunas	Clube 11 e Clube <u>Rio's For Man</u>
3	Bares	Bar das preta, San Bar e La <u>Bouche</u>
3	Bar drag	Âncora do Marujo, <u>Carmén Lounge Bar</u> e Boteco do Paulista
6	Casas noturnas / Boates	Tropical Club, Point do Japa, San Boate, <u>Colliseum</u> , Amsterdam Salvador e Bar da Pri

Gráfico com os espaços mapeados

Todos os espaços mapeados possuem o seu perfil no *Instagram* como a sua principal rede social de comunicação com o público e divulgação dos eventos, com exceção das praias e dos espaços públicos, que não tem uma organização para gestão de uma página para esses espaços.

Outros espaços foram mapeados, mas encerraram as suas atividades ou não estavam em funcionamento até a conclusão dessa pesquisa. Com isso, optei por não publicar os dados dos referidos espaços no @mapalgbt. Esses espaços são: O *Clube Signus*, que era um clube masculino que funcionava no centro da cidade e ocorriam bingos e apresentações de drags, cujo atividades, se encerraram em junho de 2022. O *Teatro Gamboa Nova*, que funcionava no Largo dos Aflitos, recebia no seu palco e no seu corpo técnico diversos artistas, produtores e gestores culturais da cena LGBTQIA+ e está fechado desde abril de 2022 devido à falta de recursos. O *Freedom Cruising Bar*, onde as pessoas podem se relacionar em todo o espaço e que funcionou na Avenida Carlos Gomes, encerrou suas atividades em abril de 2022. O *Maximus Bar*, um espaço voltado ao show de drags localizado no bairro do Cabula, que encerrou suas atividades em fevereiro de 2022. E a Boate *Na Vibe*, localizada no bairro da Liberdade, que era voltada a música eletrônica com DJs e *open bar* e encerrou as atividades em abril de 2022. Os protocolos limitantes relacionados a pandemia COVID-19, as incertezas da economia com a alta inflação no Brasil e os ataques do presidente Bolsonaro e dos seus apoiadores a comunidade LGBTQIA+, foram fatores que contribuíram para o fechamento de um dos estabelecimentos, em diálogo que tive com o ex-gestor de um dos espaços que preferiu não se identificar. O *Maximus Bar* e a Boate *Na Vibe*, são espaços que foram inaugurados durante a pandemia e foram bastante celebrados por fugir da história centralização da cena cultural LGBTQIA+ soteropolitana, que sempre convergiu entre a Barra, Centro e o Rio Vermelho. O *Maximus Bar*, foi inaugurado em outubro de 2021 e a *Boate Na Vibe*, foi inaugurada em setembro de 2021. Contudo, os dois espaços não funcionaram por muito tempo na cidade, o que nos leva a outras possibilidades de investigações acerca desses encerramentos de atividades em espaços de bairros descentralizados.

Do mesmo modo, outros espaços foram inaugurados na mesma semana da conclusão da pesquisa, o que resultou em uma visita a um dos espaços, para tirar fotografias e fazer registros empíricos do espaço, devido à falta de insumo nas redes sociais e a falta de informação na internet.

O mapeamento tem ainda o potencial da criação de vídeos em formatos *reels*³⁸, com uma visita a cada um desses espaços da cena soteropolitana. Outro desenvolvimento potencial, é o de expansão do mapeamento para espaços culturais LGBTQIA+ em todo o estado da Bahia, visando compreender a distribuição destes espaços nos vinte e sete territórios de identidade mapeados pela Secretaria de Cultura do Estado da Bahia³⁹.

O intuito é que o mapeamento seja um processo contínuo e que se crie uma rede para que sugestões sejam enviadas e que outros componentes da cena cultural LGBTQIA+ possam ser incorporados ao mapeamento, como grupos de esportes, grupos culturais, organizações, torcidas organizadas e outros qualquer grupo ou organização que seja pertencente a cena soteropolitana, visando criar uma rede de entretenimento voltada a comunidade LGBTQIA+ e com o mapeamento, buscar políticas públicas para melhor organização e incentivo a mais atividades culturais.

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Neste trabalho busquei, a partir de uma revisão bibliográfica, resgatar a história do movimento LGBTQIA+ no Brasil, percebendo as transformações que ocorreram no movimento que se iniciou enquanto “homossexual”, quando os homens *gays* brancos e de classe média vinham o representando, e que hoje vem tomando uma cara mais diversa e inclusiva às identidades sexo-gênero dissidentes.

Com atenção ao desenvolvimento de um mercado e de cenas LGBTQIA+ como a da maior cidade do Brasil, São Paulo, caminhei pelo mapeamento de alguns dos antigos mas principalmente pelos atuais espaços de sociabilidade LGBTQIA+ da cidade de Salvador. Neste sentido, este trabalho se apresenta enquanto um memorial da página Espaços LGBTQIA+ em Salvador, disponível no site [instagram.com/mapalgbt](https://www.instagram.com/mapalgbt), perfil de *Instagram* criado por mim durante este processo de pesquisa, onde apresento uma variedade de ambientes destinados aos membros da comunidade que circulam pela cidade.

Ao final dessa pesquisa, foram publicados dezoito espaços culturais da cena LGBTQIA+ soteropolitana. Destes espaços, observei que durante a pandemia, muitos tiveram que se adaptar aos protocolos determinados pelas autoridades de saúde, a fim de receber o público em seus espaços. Inclusive as praias mapeadas neste trabalho, que os usuários precisavam pular tapumes instalados pela prefeitura para entrar nas praias devido as restrições

³⁸ Ferramenta da rede social *Instagram*, onde os conteúdos são focados na criação de vídeos.

³⁹ Disponível em: <<http://www.cultura.ba.gov.br/modules/conteudo/conteudo.php?conteudo=185>>. Acesso em 06 de junho de 2022

impostas pela pandemia da Covid-19. Com a diminuição das contaminações pelo coronavírus e a diminuição das restrições, os eventos voltaram a ocorrer nos espaços. Foi notório e comentado pelo público frequentador um aumento nos preços dos ingressos. Antes da pandemia havia muitos eventos de entrada gratuita onde as casas lucravam conforme o consumo do público. Creio que essa tendência de aumento seja para recuperação dos danos causados devido aos meses em que os espaços ficaram sem atividades devido as altas taxas de contaminação da Covid-19.

Em Salvador existem espaços para todos os tipos de público e todos os gostos dentro da cena. Desde os espaços do Grupo *San Sebastian*, que são mais elitizados devido aos altos valores dos seus ingressos e de consumo, que visam uma experiência diferenciada ao usuário, até a Praia do Porto da Barra em que há a possibilidade de levar as suas comidas e bebidas e ao final da tarde, conhecer um pessoal novo no “Sofá da Hebe”. Tem o perfil que prefere pagar um valor fixo em um *open bar* e consumir a noite toda, como é o caso das festas nas boates *Tropical Club* e *Colliseum*. Ou para quem busca entretenimento mais tranquilo no La Bouche ou no Bar das Preta ouvindo música ao vivo, ou uma apresentação de *Drag Queen* no *Âncora do Marujo* ou no *Carmén Lounge Bar*. Mesmo com toda essa diversidade de espaços, a cidade, que é uma das maiores do Brasil, ainda está em caráter incipiente quando comparado a outras grandes metrópoles como Recife, Fortaleza, Rio de Janeiro e São Paulo no que tange as suas cenas LGBTQIA, que são muito maiores e integradas. Apesar do potencial de expansão e do crescimento, a cidade precisa de investimento em segurança pública, mobilidade urbana e incentivo do setor público para o desenvolvimento da cena LGBTQIA+ soteropolitana.

Como pode ser observado pelo mapeamento realizado, a maioria dos espaços destinados ao público LGBTQIA+ da cidade de Salvador, terminam por se concentrarem nas regiões do centro (Carlos Gomes, Barris, Dois de Julho e Pelourinho) e da orla da cidade (Rio Vermelho e Barra), bairros de classe média alta de Salvador. Outra observação relevante, é de que com exceção das praias e das saunas, os espaços mapeados têm o seu funcionamento exclusivo no período da noite, e a sua grande maioria, com funcionamento aos fins de semana. Além de que, observa-se uma falta de espaços e programações voltadas para o público feminino.

Funcionando como uma espécie de atualização de mapas já existentes sobre algumas dinâmicas e espaços LGBTQIA+ *Friendly* de Salvador, reconheço a importância da continuação deste processo de atualização para que sempre que necessário tenhamos acesso à indicações de ambientes onde possamos nos encontrar, nos entreter e paquerar com relativa segurança.

Por fim, para além de suas belezas naturais, culturais e importância histórica, com um cardápio de atrações diversificado, Salvador se mostra uma cidade de grande potencial turístico para os membros da comunidade LGBTQIA+ interessados em diversão em pontos de entretenimento. Como todas as cidades brasileiras, ainda registra índices de violência LGBTfóbica, mas apresenta diversos espaços onde ser quem se é, com relativa tranquilidade, também é possível.

5 REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

CARNEIRO, Ailton José dos Santos. **Salvador dos Homossexuais: Militância Homossexual e Homossociabilidade na Bahia nos anos 1980**. Temporalidades – Revista Discente do Programa de Pós-Graduação em História da UFMG. v.7, n. 3 (set./dez. 2015) – Belo Horizonte: Departamento de História, FAFICH/UFMG, 2016. Disponível em:<<https://periodicos.ufmg.br/index.php/temporalidades/article/view/5593/3526>> Acesso em 04 de junho de 2022;

COLLING, L.; JUSTAMAND, M.; GOMES FILHO, A. dos S.; OLIVEIRA, G. F. de . **Questões queer para analisar os registros rupestres com cenas que sugerem práticas sexuais na Serra da Capivara**. Revista de Arqueologia, [S. l.], v. 32, n. 1, p. 24–41, 2019. Disponível em:<<https://revista.sabnet.org/ojs/index.php/sab/article/view/588>>. Acesso em 02 de junho 2022;

MEIRA, Celio Silva. **A Territorialidade Homoafetiva em Salvador (BA no Bairro Rio Vermelho)**. Revista Tocantinense de Geografia, Araguaína (TO), Ano 07, n.12, abr./jul.. de 2018. Disponível em:<<https://xdocs.com.br/doc/a-territorialidade-homoafetiva-em-salvador-no-bairro-rio-vermelho-dokmmv7jqjny>>. Acesso em 10 de junho de 2022;

NASCIMENTO, Érico Silva; FERNANDEZ, Osvaldo; MARTINS, Marco Antônio Matos. **Territórios LGBT de Salvador - Usos do Espaço, Sociabilidade e Violência**. Fazendo Gênero 9 Diásporas, Diversidades, Deslocamentos 23 a 26 de agosto de 2010. Disponível em:<http://www.fg2010.www2017.eventos.dype.com.br/resources/anais/1278299425_ARQUIVO_ArtigoTerritoriosLGBTemSalvador-usosdoespaco,sociabilidadeeeviolencia.pdf>. Acesso em 08 de junho de 2022;

NUSSBAUMER, Gisele Marchiori. **Comunicação, Sociabilidade e Escrita de si - A Comunidade GLS no Ciberespaço**. Tese de Doutorado, Orientador: Prof. Dr. André Luiz Martins Lemos. Universidade Federal da Bahia (UFBA), 2004. Disponível em:<<http://poscom.tempsite.ws/wp-content/uploads/2011/05/Gisele-Marchiori-Nussbaumer.pdf>>;

ORTOLANO, Fábio. **Juventude e Paradas LGBT: Espaços de Lazer e Manifestações das sexualidades**. IX Congresso Internacional de Salud Mental y Derechos Humanos, Universidade Federal de São Carlos (UFSCAR), 2011. Disponível em:<<https://www.madres.org/documentos/doc20110112154545.pdf>>. Acesso em 06 de junho de 2022;

PEREIRA, Ana Caroline Bonfim; RAMOS, Calliandra Sousa; COELHO, Ruan. **A diversidade de cores da Parada LGBT em São Paulo - Algumas impressões etnográficas**. Ponto Urbe - Revista do núcleo de antropologia urbana da USP 18, 2016. Disponível em:<<https://journals.openedition.org/pontourbe/3123>>. Acesso em 06 de junho de 2022;

SIMÕES, Júlio Assis; FACCHINI, Regina. **Do movimento homossexual ao LGBT / Júlio Assis Simões, Regina Facchini**. São Paulo: Editora Fundação Perseu Abramo , 2009;

TREVISAN, João Silvério. **Devassos no Paraíso: A homossexualidade no Brasil, da colônia à atualidade**. 4º ed. Rio de Janeiro: Objetiva, 2018;

TRINDADE, Ronaldo. **O Mito da Multidão: Uma Breve História da Parada Gay de São Paulo**. Revista Gênero - Niterói, v.11, n.2, p. 73-97, 1. sem. 2011. Disponível em:<<https://periodicos.uff.br/revistagenero/article/view/31092>>. Acesso em 02 de junho de 2022;